

Grande Loja do Amazonas, Acre, Rondônia e Rio Branco

RITUAL

dos

MAÇONS ANTIGOS, LIVRES E ACEITOS



Segundo Grau

(**Companheiro-Maçon**)



(Adotado pela Maçonaria Simbólica Regular do Brasil)

B R A S I L

— 1962 —

Grande Loja do Amazonas, Acre, Rondônia e Rio Branco

RITUAL

dos

MAÇONS ANTIGOS, LIVRES E ACEITOS



Segundo Grau

(Companheiro-Maçon)



(Adotado pela Maçonaria Simbólica Regular do Brasil)

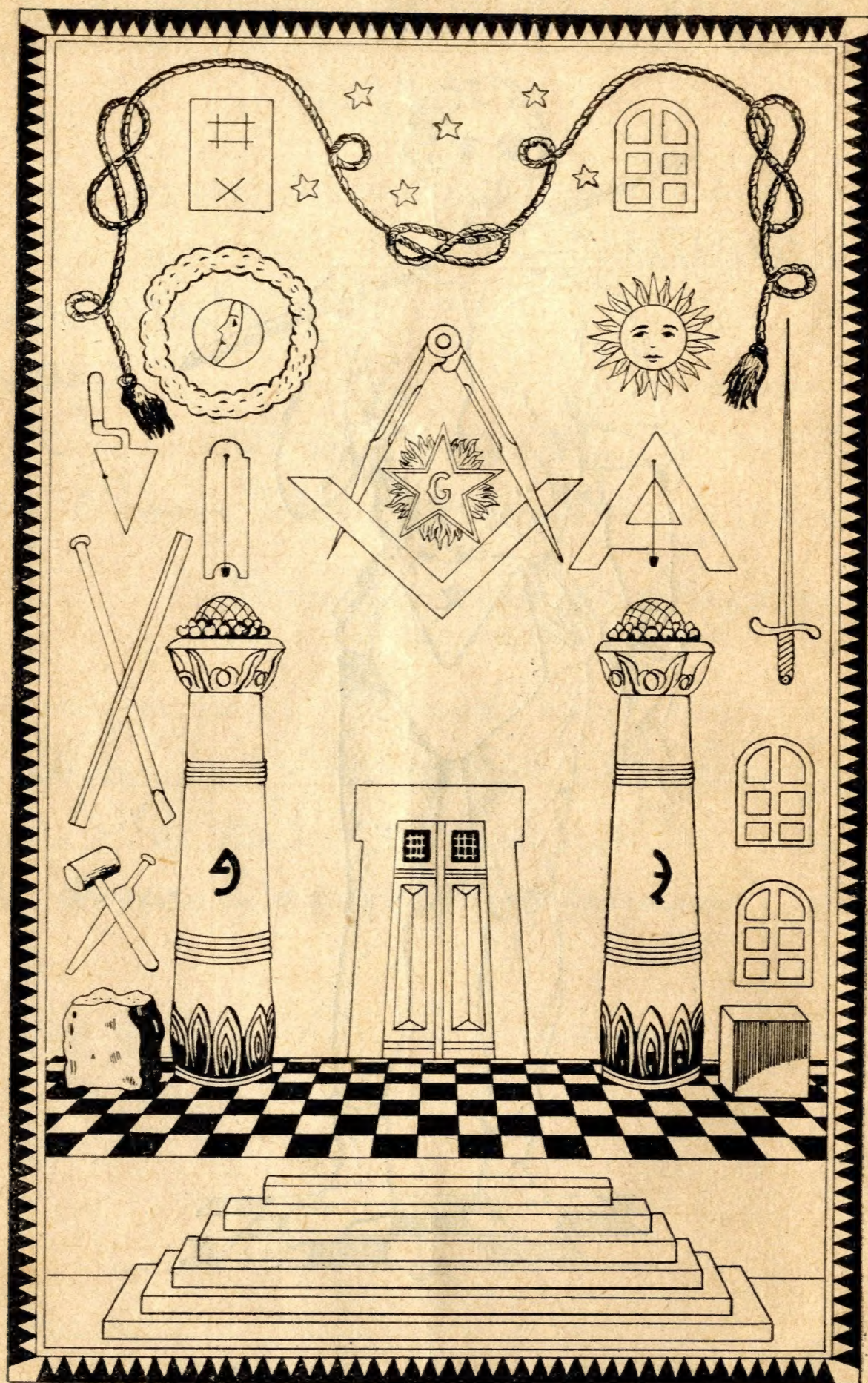


B R A S I L

— 1962 —



O Companheiro



LOJA DE COMPANHEIRO

— P R E Â M B U L O —

ESCÔPO DO GRÁU DE COMPANHEIRO

O sentimento de solidariedade, que nasce da sincera e íntima comunhão entre os Irmãos, deve ser a constante preocupação do Companheiro. Se a Liberdade é o ideal do Aprendiz, que aspira a Luz, a Igualdade é o do Companheiro, para que possa solidificar os sentimentos de Fraternidade.

As qualidades e aspirações do Aprendiz, deve o Companheiro acrescentar a capacidade de realizar, praticamente, em atividade construtiva, os conhecimentos adquiridos.

Assim, o progresso do Companheiro depende de sua sempre crescente capacidade de interpretar os elementos fundamentais do simbolismo, aprendendo a **vivê-los** e realizá-los com mais utilidade e proveito.

Na constante ação de aperfeiçoamento do coração, pelo trabalho, pela prática da Moral e pela observância da ciência, o Companheiro não deve esquecer que cada grau é uma melhor, mais iluminada e profunda compreensão das doutrinas e moral do Grau de Aprendiz que será, sempre, a base do edifício maçônico.

DO TEMPLO

O Templo dos trabalhos de Companheiro é decorado como o de Aprendiz. No Altar dos Juramentos, porém, além do Livro da L. e do Compasso com o Esquadro, estarão mais: um MAÇO, um CINZÉL, uma ALAVANCA, um ESQUADRO, um COMPASSO E uma RÉGUA de 24 polegadas.

Estará visível o Painel do Grau, colocado entre o Altar dos Juramentos e a Grade do Or.

As Luzes e Oficiais ocuparão os mesmos lugares, sentando-se os Companheiros na Coluna do Sul.

INDUMENTÁRIA E TÍTULOS

Os trajes dos Obreiros e os títulos das Luzes e Oficiais, são os mesmos do Grau de Aprendiz. A insígnia do Companheiro é o mesmo Avental de Aprendiz tendo, porém, a abêta abaixada. O Ven. Mestre usará o chapéu preto.

DA PREPARAÇÃO DO CANDIDATO

O candidato estará usando o traje previsto para a cerimônia, cingindo o Avental de Aprendiz e segurando, com a mão esquerda uma RÉGUA de 24 polegadas, que descansará sobre o ombro do mesmo lado.

DA ORDEM DOS TRABALHOS

A ordem a ser observada será a mesma dos trabalhos do Grau de Aprendiz.

DA ENTRADA E DA SAÍDA

Será observado o mesmo cerimonial estabelecido para o Grau de Aprendiz excluídos, porém, os Aprendizes, que não terão ingresso no Templo.

* * *

RITUAL DO SEGUNDO GRÁU

(Companheiro-Maçon)

ABERTURA DOS TRABALHOS

(Achando-se todos sentados)

VEN. — Em Loja, meus Iir. — Ir 1.º Vig., qual o vosso dever em Loja?

1.º VIG. — Certificar-me se o Templo está coberto, Ven. Mestre.

VEN. — Cumprí vosso dever, meu Ir.

1.º VIG. — Ir. Gda. do Templo, estamos à coberto?

(O Gda. do Templo, de espada em punho, entreabre a porta, verifica se o Obr. está a postos, fecha-a e dá, na mesma, com o punho da espada, a Bateria do Grau, que será repetida pelo Obr.).

GDA. TEMP. — Ir. 1.º Vig., o Templo está devidamente coberto.

1.º VIG. — Ven. Mestre, o Templo está coberto e podemos dar começo aos nossos trabalhos.

VEN. — Iir. 1.º e 2.º VVig. verificali se os Iir. de ambas as CCol. são CComp. Maçons.

2.º VIG. — (!) — De pé e à ordem, Iir. da Col. do Sul!

1.º VIG. — (!) — De pé e à ordem, Iir. da Col. do Norte.

(Todos os que se acham nas CCol. levantam-se e ficam à ordem, voltados para o Or. Os VVig. descem de seus Altares e percorrem as CCol. Terminada a verificação, o 2.º Vig. diz:)

2.º VIG. — Ao Sul, todos os Obr. são CComp.-Maçons, Ir. 1.º Vig.

1.º VIG. — Em ambas as CCol. só se encontram CComp.-Maçons, Ven. Mestre.

VEN. — (!) — (Todos os que se encontram no Or. levantam-se, ficando à ordem) — Também os do Or. — (!) Sentemo-nos, meus Iir. — (Pausa).

(!) — Ir. 2.º Diác., qual o vosso lugar em Loja?

VEN. — (!)

2.º DIÁC. — (De pé e à ordem) — À direita do Ir. 1.º Vig., para transmitir suas ordens ao Ir. 2.º Vig. e ver se os Obr. se conservam nas CCol. com o devido respeito e disciplina (Saúda e senta-se).

VEN. — Ir. 1.º Diác., qual o vosso lugar em Loja?

1.º DIÁC. — (De pé e à ordem) — À vossa direita e abaixo do sólio, para transmitir vossas ordens a todos os Dignitários

e Officiais, a fim de que os trabalhos se executem com prontidão e regularidade.

VEN. — Onde tem assento o Ir. 2.º Vig.?

1.º DIÁC. — Ao Sul, Ven. Mestre (Saúda e senta-se).

VEN. — Para que ocupais êsse lugar, Ir. 2.º Vig.?

2.º VIG. — Para melhor observar o Sol em seu meridiano, chamar os OObr. para os trabalhos e mandá-los à recreação, a fim de que os nossos labores prossigam com a precisa ordem e exatidão.

VEN. — Onde fica o Ir. 1.º Vig.?

2.º VIG. — No Ocidente, Ven. Mestre.

VEN. — Para que ocupais êsse lugar, Ir. 1.º Vig.?

1.º VIG. — Assim como o Sol se oculta no Oc. para terminar o dia, aqui, tenho assento para fechar a Loja, pagar os OObr. e despedí-los contentes e satisfeitos.

VEN. — Para que o Ven. Mestre senta-se no Oriente?

1.º VIG. — Assim como o Sol nasce no Or. para fazer sua carreira e iniciar o dia, aí tem assento o Ven. Mestre para abrir a Loja, dirigí-la em seus trabalhos e esclarecer os OObr. com as luzes de sua sabedoria.

VEN. — Para que nos reunimos aqui, Ir. 1.º Vig.?

1.º VIG. — Para promover o bem estar da Humanidade, levantando templos à Virtude e cavando masmorras ao vício.

VEN. — Que tempo é necessário para que um Companheiro-Maçon seja perfeito?

1.º VIG. — C. A., Ven. Mestre.

VEN. — Que idade tendes, meu Ir.?

1.º VIG. — (Dá a idade)

VEN. — Quais as horas destinadas aos trabalhos do Companheiro-Maçon?

1.º VIG. — Do meio-dia à meia-noite.

VEN. — Que horas são, Ir. 2.º Vig.?

2.º VIG. — O Sol está no zénite, é meio-dia; podemos dar começo aos nossos trabalhos.

(O Ven. Mestre dá, com o Malhete, a Bateria do Gráu, que é repetida pelos VVig. e todos ficam de pé e à ordem. O 1.º Diác. sobe os degraus do Trono, saúda o Ven. Mestre que, após corresponder à saudação, dá-lhe a P. S. aos ouvidos, começando pelo esquerdo. Recebida a P. S., o 1.º Diác. saúda o Ven. Mestre e vai, com as mesmas formalidades, levá-la ao Ir. 1.º Vig. que a transmite, pela mesma fôrma, e, por inter-

médio do 2.^o Diác. ao 2.^o Vig.. Chegando a P. S. ao 2.^o Vig.).

2.^o VIG. — Tudo está justo e perfeito em minha Col., Ir. 1.^o Vig.

1.^o VIG. — Tudo está justo e perfeito em ambas as CCol., Ven. Mestre.

(O mais moderno dos ex-VVen. presentes ou, em sua falta, o Ir. Orador vai postar-se ao Oc. do Altar dos Juramentos, à convite do M. CCer.; os 1.^o e 2.^o DDiác. vão, respectivamente, para os lados N. e S. e cruzam seus bastões, juntamente com o M. CCer., à altura das cabeças. Depois de saudar o Ven. Mestre, o ex-Ven. ou o Orador abre o L. da L. na parte apropriada e, depois de ler o versículo correspondente, sobrepõe-lhe o Compasso, com as pontas voltadas para o Ocid. e, entrelaçado, o Esqhadro, ficando o ramo esquerdo por cima e o direito por baixo das pernas do Compasso, saudando, em seguida, o Ven. Mestre).

VEN. — (Descobrimo-se) — Graças Te rendemos GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO, porque, por Tua bondade e misericórdia, nos tem sido possível vencer as dificuldades interpostas em nosso caminho para nos reunirmos, aqui, e prosseguirmos em nosso labor. Faze, Senhor, com que nossos corações e inteligência sejam, sempre, iluminados pela Tua Luz e, fortificados por Teu amor e bondade, possamos compreender que, para nosso trabalho ser coroado de êxito, necessário é que, em nossas deliberações, subjuguemos paixões e intransigências à fiel obediência dos sublimes princípios da Fraternidade, a fim de que nossa Loja possa ser um reflexo da Ordem e da Beleza que resplandece em Teu Trono — ! — À Gl. do G.A.D.U. e, em honra a São João, nosso padroeiro, sob os auspícios da M.R. Grande Loja e, em virtude dos poderes de que me acho investido, declaro aberta, no grau de Companheiro-Maçon, a Loja Simbólica n.^o..... cujos trabalhos tomam plena fôrça e vigor. Que tudo, neste Augusto Templo, seja tratado aos influxos dos sãos princípios da Moral e da Razão!

(O M. CCer. e os Diác. desfazem a abóbada, o 1.^o Vig. levanta a Col. de seu Altar e o 2.^o Vig. abaixa a do seu).

Ven. — (!) — À mim, meus IIr., pelo Sinal e pela Aclamação.
TODOS — (Depois de feito o sinal e voltando à ordem):
HUZZÉ! HUZZÉ! HUZZÉ!

(Terminado êste áto, o M.CCer. e os DDiác. retornam a seus lugares e, de passagem, o 1.º Diác. abre o Painél da Loja).

VEN. — (!) — Sentemo-nos, meus IIr. (Cobre-se)! — Ir Secretário tende a bondade de nos dar contar do Balaústre de nossos últimos trabalhos. — ! — Atenção, meus IIr.

(O Secretario, sentado, procede a leitura do balaustre da última sessão, finda a qual:)

VEN. — Meus IIr., se tendes alguma observação a fazer sôbre a redação do balaústre que acaba de ser lido, a palavra vos será concedida.

(Se algum Ir. tiver que fazer observações, pedirá a palavra ao Ir. Vig. de sua Col., batendo palmas, uma vez e ficando de pé e à ordem. Reinando silêncio, os VVig. anunciam).

VEN. — Os IIr. que aprovam o balaústre que acaba de ser lido (caso tenha havido observações, acrescentará: com as observações do Ir. F.) queiram fazer o Sinal.

(O M.CCer. verifica a votação e comunica ao Ven. Mestre que proclama, diretamente o resultado. Em seguida, o M.CCer. toma o Livro de Atas e leva-o à assinatura do Ven. Mestre e do Orador, restituindo-o ao Secretário que, também, o assinará).

VEN. — Ir. Secretário, tende a bondade de ler o Expediente.
— (!) — Atenção, meus IIr.

(À medida que o Secretário fôr lendo o expediente, o Ven. Mestre irá dando o devido destino, sem submeter o assunto à discussão ou apreciação do plenário. Do expediente, farão parte os Atos e Decretos do Grão Mestre da Grand Loja, que serão lidos pelo Orador, estando todos os presentes de pé e à ordem. Findo o expediente, os trabalhos prosseguem de acôrdo com a ordem estabelecida).

RITUAL DE INICIAÇÃO

(SEGUNDO GRÁU)

(Elevação de Aprendiz a Comp.-Maçon)
(Observada a ordem dos trabalhos)

VEN. — Ir. Exp., ide preparar o candidato e conduzí-lo ao Templo.

(O Candidato, convenientemente preparado, de acôrdo com o estabelecido no Preâmbulo, bate à porta do Templo, como no primeiro gráu).

G. TEMP. — (De pé e à ordem) — Ven. Mestre, como Aprendiz Maçon, batem à porta do Templo.

VEN. — Verificai quem, assim, bate.

G. TEMP. — (Depois de feita a verificação) — É o Ir. Exp. conduzindo o Ir. Aprendiz F., que deseja passar do Nível à Perpendicular.

VEN. — Meus Iir., em homenagem ao Ir. que solícito em seus trabalhos, aspira progredir nos conhecimentos de nossa Ordem, empunhai vossas espadas e levantai-vos.

(Todos levantam-se, sem estarem à ordem e voltam suas espadas em direção à porta do Templo, por onde entrará o Aprendiz).

VEN. — (!) — Ir. Gda. do Templo, dai ingresso ao Ir. Aprendiz.

(O Ir. Aprendiz faz sua entrada regularmente, saúda as Luzes e fica, à ordem, entre CCol.).

VEN. — Ir. 1.º Vig., o Ir. que deseja passar do Nível à Perpendicular preencheu o seu tempo? Estais satisfeito com sua conduta e com seu aproveitamento?

1.º VIG. — Sim, Ven. Mestre.

VEN. — E os Iir. desta Loja estão, também, satisfeitos e continuam de acôrdo que o Ir. Aprendiz F. passe a Companheiro-Maçon?

(Todos os Iir. voltam as espadas em direção ao Trono. A um (!) do Ven. Mestre, todos embainham as espadas e sentam-se).

VEN. — (Para o Aprendiz) — Meu Ir., nos tempos primitivos de nossa Ordem, era preciso que o Aprendiz trabalhasse, ininterruptamente, durante cinco anos para poder passar a Companheiro. Hoje, não é graça que se vos faz, dando-vos essa distinção em menor decurso de tempo. É que, abertos vossos olhos à verdadeira Luz, terminastes, revestido do Avental de Aprendiz, vosso trabalho material, tornando-vos digno de serdes um verdadeiro obreiro da Inteligência. Ao ruído do Malho, símbolo da fôrça impulsionante das atividades humanas percebestes, pouco a pouco, que tudo, entre nós, representa trabalho moral, cujos utensílios são simbólicos e, cuja aplicação se faz em nós mesmos. As instruções que recebestes vos dão direito a que uma ponta do véu de nossos Mistérios se levante a vossos olhos, ferindo a percepção de vosso espírito. Digno dêste aumento de de salário, ídes conhecer novos e mais elevados símbolos de nossa Instituição.

Quando fôstes recebido Maçon, submetemo-vos, a provas físicas, que tinham por fim julgar de vosso caráter, da firmeza de vossa resolução e, através de perguntas e provas morais, procuramos conhecer vossas qualidades de espírito e de caráter, a elevação de vossos sentimentos e o grau de vossa instrução.

Agora, ao passardes a Companheiro, não sofrereis provas físicas. Tereis de viajar, a fim de compreenderdes o sentido moral e simbólico do grau a que ides ser elevado. As provas a que sereis submetido são apropriadas ao desenvolvimento de vossas idéias e vos levarão ao estudo das cousas e dos seres, para que possais chegar ao conhecimento dos homens e, o que é mais importante, ao vosso próprio conhecimento.

Para que, das relações de interdependência de tudo que vos cerca, chegueis ao domínio de vossos defeitos e de vossas paixões, é que tendes de praticar viagens simbólicas, que vos ensinarão a conduzir-vos sàbiamente e a instruir vossos Iir.. Para poderdes, com segurança, penetrar o

espírito de nossa Instituição, ides deixar o estudo dos materiais de construção, próprio do Aprendiz, para procurar na ciência a instrução moral e, principalmente, a espiritual. Eis porque procuramos dar aos Companheiros uma idéia das ciências que levam o homem a dedicâr-se à felicidade de seus semelhantes.

Vosso espírito está, hoje, mais esclarecido, mais apto a compreender assuntos mais elevados.

A vida é a faculdade de resistir à morte; a inteligência é a função ativa da alma, tanto quanto o sentimento e a vontade. Desta engrenagem orgânico-espiritual, nascem as faculdades de pensar, de compreender e de agir; brotam as idéias, a memória e o raciocínio, que nos conduzem à perfeitibilidade, isto é, ao engrandecimento da alma pelos pensamentos e dedicações úteis ao progresso e ao bem estar da Humanidade. Por essas faculdades, o homem torna-se superior aos animais, porque, da extensão de suas concepções, êle deduz que maior e mais produtiva será sua atividade, quando aplicada ao bem estar geral.

Ides passar do número três ao número **cinco**, isto é, progredir no caminho que vindes percorrendo.

CINCO é um número misterioso, porque se compõe do **binário**, símbolo do que é falso e duplo e, do **ternário**, cujo segredo conheceis. **CINCO** dá-nos a idéia da perfeição e da imperfeição, da felicidade e da infelicidade, da vida e da morte.

Aos antigos, dava a idéia dos máus princípios, lançando a perturbação no mundo, isto é, o **binário** agindo sôbre o **ternário**. **CINCO** lembra, também, os anos de aprendizagem dos iniciados.

CINCO, portanto, são as viagens exigidas em vossa segunda iniciação, a fim de que possais haurir sólida instrução moral, capaz de vos convencer de que é preciso um trabalho duplo para conseguir-se instrução e o saber necessários ao grau de Companheiro, grau que vos conduzirá a mais vastos conhecimentos dos Mistérios de nossa Ordem.

Está ainda em vossas mãos a **RÉGUA** de 24 polegadas; jamais vos esqueçais de sua significação simbólica. A desordem é a lei da insânia. A régua é o símbolo da Lei, da ordem e da inteligência, a determinar a direção e a regular a aplicação de vossos estudos.

As viagens vos recordarão que o movimento é a vida e que, na terra e no espaço, tudo se move, tudo trabalha, tudo caminha.

Os pratos de uma balança perfeita devem oscilar, porque a imobilidade é a estagnação, é a morte. (Pausa)

! — Ir. M.CCer., substituí, nas mãos de nosso Ir. Aprendiz a Régua pelo Maço e pelo Cinzél.

(Depois de feita a substituição) — Ir. Exp., fazei o candidato praticar a primeira viagem.

(O Exp., acompanhando o Ir. Aprendiz e, sem estar à ordem, fá-lo viajar pelo N., Grade do Or. e S. voltando para entre CCol).

EXP. — Ven. Mestre, o Aprendiz fez a primeira viagem.

VEN. — Ir. Aprendiz, esta primeira viagem simboliza o primeiro ano de estudos, em que o iniciado deve dedicar-se ao aperfeiçoamento e à prática de desbastar e polir a **pedra bruta**. Eis, porque estáveis armado do Maço e do Cinzél.

O Maço, emblema do trabalho e da fôrça material serve para suprimir os obstáculos e as dificuldades; o Cinzél, símbolo da escultura e da arquitetura, não poderia ter ação sem o concurso do Maço.

Moralmente, êles concorrem para o mesmo fim. O Maço é o emblema da lógica, sem a qual não pode haver raciocínio e, pela qual, se pode conhecer qualquer ciência; não pode, porém, dispensar o Cinzél, que é a imagem frizante dos argumentos da palavra, com os quais se destroem os sofismas do êrro.

Assim, meu Ir., deveis, com o Maço da vontade e o Cinzél da Moral, desbastar as esperezas que encontrardes em vosso caráter para, uma vez polidas, apurar as qualidades de vossa alma, na prática das virtudes maçônicas. (Pausa) — Dai o S. de Aprendiz ao Ir. 1.º Vig.

1.º VIG. — (Depois de recebido o S.) — Êste S. vos recordará o juramento que prestastes de nunca revelar os segredos que vos fôrem confiados.

VEN. — Ele vos lembrará, também, que, como bom e verdadeiro Maçon, não deveis violar vossas promessas, tornando-vos perjuro. ! — Ir. M. CCer., substituí o Maço e o Cinzél pela Régua e o Compasso.

(Depois de feita a substituição) — Ir. Exp., fazei o Ir. Aprendiz praticar a segunda viagem.

EXP. — (Terminada a viagem, pelo mesmo caminho da primeira) — Ven. Mestre, o Aprendiz fez a segunda viagem.

VEN. — Esta segunda viagem representa o segundo ano de estudos do iniciado. Vós a fizestes com o Compasso e a

Régua, porque êsses instrumentos são o símbolo do aperfeiçoamento adquirido nas ciências, nas artes e nas profissões liberais. Com êles, realmente, se suprimem tôdas as imperfeições nas artes e nas produções literárias.

O Compasso vos mostra o paralelismo das linhas traçadas com auxílio da Régua e vos descreve, com centros determinados e vários raios, círculos sem conta.

Sob o ponto de vista intelectual, o Compasso simboliza o pensamento nos diversos círculos que percorre. O maior ou menor afastamento de suas pernas mostra-nos as diversas modalidades do raciocínio que, conforme as circunstâncias, podem ser abundantes ou estreitas, sempre, porém, claras e positivas. A Régua é, mais precisamente, o símbolo da perfeição. Sem ela, a indústria seria aventureira; as artes seriam sistemas incoerentes; a lógica e a retórica seriam opressivas; a música seria discordante; a filosofia, a obscura metafísica e as ciências perderiam a clareza.

Da retidão da Moral e da Sabedoria, de onde emanam o Amôr e a Fé, ressaltam a perfeição individual e o conhecimento dos homens pelos ensinamentos superiores, como da Justiça e da Sabedoria promanam os bons govêrnos das nações. (Pausa) — Dai o T. de Aprendiz ao Ir. 2.º Vig.

2.º VIG. — (Depois de recebido o T.) — Êste T. vos dará direito de serdes admitido no Templo do Trabalho.

VEN. — (!) — Ir. M. CCer., substituí, nas mãos do Aprendiz, o Compasso pela Alavanca.

(Depois de feita a substituição) — Ir. Exp., fazei o Aprendiz praticar a terceira viagem.

(O Exp. faz o Aprendiz percorrer o mesmo caminho anterior e leva-o para entre CCol.).

EXP. — Ven. Mestre, está feita a terceira viagem.

VEN. — Passastes, simbolicamente, por vosso terceiro ano de estudos, trabalhando com a Régua e a Alavanca. A Alavanca, símbolo da fôrça, serve para levantar os mais pesados fardos. Em moral, ela representa a firmeza da alma, a coragem inquebrantável do homem independente, bem como o poder invencível, que o amôr da liberdade desenvolve nos homens inteligentes. Sob o ponto de vista intelectual, a Alavanca exprime a fôrça do raciocínio e a segurança da lógica; é a imagem da filosofia, cujos princípios invariáveis não permitem fantasia nem superstição. É para evitar os funestos efeitos da fôrça incalculável,

representada pela Alavanca, que a Régua a acompanha, mostrando-nos que, em tôdas as circunstâncias, devemos usá-la na aplicação do poder. A firmeza, a coragem, o respeito pessoal e a confiança em si próprio, são pois, os atributos morais que, no terceiro ano de aprendizagem, deve o Maçon incorporar ao seu caráter.

(!) — Ir. M. CCer., dá ao Ir. Aprendiz o Esquadro, em substituição da Alavanca. (Depois de feita a substituição) — Ir. Exp., fazei o Ir. Aprendiz praticar a quarta viagem.

(Percorrido o mesmo caminho e voltando para entre CCol.).

EXP. — Ven. Mestre, está feita a quarta viagem.

VEN. — O Esquadro, que conduzistes na quarta viagem é, como instrumento de construção, indispensável para dar fôrma a toda espécie de material. Representa, por seu ângulo réto, a conduta irrepreensível que os homens devem manter na sociedade, a retidão de suas ações e a equidade com que devem tratar seus semelhantes. É por isso que o Esquadro, ao representar o cruzamento de duas linhas formando quatro angulos iguais, traduz a igualdade social que o G.A.D.U. estabeleceu entre os homens. Tem, como a Alavanca, seu sentido simbólico, pois, se sob o ponto de vista científico, sua igualdade e sua retidão são aplicadas ao plano e à execução de todo trabalho, sob o ponto de vista moral, serve para corrigir as falhas e as desigualdades que se notam, muitas vêzes, no caráter humano. A Régua acompanha o Esquadro para dar a todos os trabalhos, direção necessária, pois todo esforço mal conduzido é esforço perdido. (Pausa).

(!) — Ir. M.CCer., recebei do Ir. Aprendiz o Esquadro e a Régua. (Depois de cumprida a ordem) — Ir. Exp., fazei o Ir. Aprendiz praticar a quinta viagem.

(O Exp. coloca a ponta da espada sobre o coração do Aprendiz que, por sua vez, a fixa com os dedos indicador e polegar da mão direita. Percorrido o mesmo caminho anterior, voltam para entre CCol.).

EXP. — Ven. Mestre, está feita a quinta viagem.

VEN. — Esta viagem significa que, terminada a aprendizagem material, condensada nas quatro viagens, em que conduzistes instrumentos de trabalho, aspirais alguma coisa além do que pode ser percebido no plano físico do Aprendiz, isto é, que aspirais elevar-vos sôbre a trivialidade dos fenômenos, que quereis, enfim, apreender a verdade.

Vosso trabalho como Companheiro-Maçon consiste na transição do plano físico ao plano espiritual. Para isso, porém, são necessários muitos esforços. Seguí o caminho que vos indicamos e estudai, para vos tornardes capaz de conhecer os altos símbolos maçônicos. (Pausa) Dái ao Ir. 2.º Diác. a P.S. de Aprendiz.

2.º DIÁC. — (Depois de regularmente dada a P.S.) Está certa a P.S., Ven. Mestre.

VEN. — Esta P., significando **estabilidade, firmeza**, nos mostra o dever que temos de manter a harmonia entre todos os membros da grande Família Maçônica.

(!) — Ir. M.CCer., fazei nosso Ir. praticar seu último trabalho de Aprendiz.

(O Exp. volta para seu lugar. O M.CCer., depois de lhe entregar o Maço conduz o Aprendiz ao Altar do 1.º Vig., onde o faz dar a Bateria do Grau sôbre a PEDRA BRUTA. Voltando com o candidato para entre CCol.).

M. CCER. — Ven. Mestre, nosso Ir. concluiu seu trabalho de Aprendiz.

VEN. — (Para o Aprendiz) — Meu Ir., contemplai (apontando para o Delta) êste DELTA misterioso e não o afasteis, jamais de vosso espírito. Ele, além de ser o emblema do Gênio, que conduz o homem à prática de nobres ações é, também, o símbolo sagrado que nos legou o G.A.D.U. e, sob cujos raios, devemos discernir, amar e praticar a Virtude, a Justiça e a Equidade. **Esta Delta, resplandecente de Luz, dominando nossa Loja, vos mostra duas grandes verdades e duas sublimes idéias.**

A letra IOD, em nossa língua G, representa o nome do Criador incriado, auto-Divino e, também, a Geometria, que é a ciência das linhas e dos pontos, enfim, da construção. À sua vista, deveis compenetrar-vos de que algo há de verdadeiro que escapa às nossas faculdades e que essa verdade se realiza em plano diferente e muito mais elevado que o plano de Aprendiz. Para atingirdes êsse plano, que uns

denominam astral, e, outros, espiritual, foi que puzestes, hoje e pela primeira vez, os olhos no DELTA misterioso e radiante, também, chamado ESTRÊLA FLAMEJANTE. Iniciastes, hoje, a ascensão da ESCADA DE JACOB, pondo os pés no primeiro degráu que é simbolizado pelo pressentimento de que, com vossa segunda iniciação, adquiristes forças outras, além das físicas.

As cinco viagens que praticastes significam, sob outro prisma, os cinco sentidos (táto, gôsto, olfato, vista e audição), porque êles são os mais fiéis companheiros do homem, sempre prontos a dar-lhe os melhores conselhos.

Se os instrumentos que conduzistes nessas viagens vos incutirem idéias de ciência, de estudo e de ensinamentos, que os antigos usavam nos cinco anos de trabalho, sob o ponto de vista moral, vossos trabalhos resumem-se, para a Maçonaria, na seguinte máxima: “PRATICAR A VIRTUDE”.

Em nossa Sublime Ordem, praticar a Virtude é ser tolerante com as opiniões alheias; liberal para os indigentes; é socorrer aos que estiverem em perigo, apontando a verdade aos que erram; é curar os que sofrem, consolando os aflitos; é instruir os ignorantes, tudo, porém, sem visar a menor recompensa. Praticando todos êsses deveres, sereis virtuoso e tereis trabalhado como verdadeiro maçom.

Continuai, pois, estudando, perseverante na Virtude, cultivando o Dever e a Honra para que, um dia, chegueis a refletir a Verdadeira Luz sobre vossos Iir. como, hoje, o faço sôbre vós (Pausa).

(!) — Ir. M.CCer., conduzí o Ir. Aprendiz ao Ir. 2.º Vig., para que lhe ensine a dar os passos de Companheiro-Maçom e, depois, fazei-o ajoelhar-se, conforme nossos usos, ante o Altar dos Juramentos.

(O 2.º Vig. indo para junto do Aprendiz, ensina-lhe o Sinal de ordem e os PP. de Comp., de forma que, no último, êle se encontre junto do Altar dos Juramentos, depois do que o 2.º Vig. volta para seu lugar. O M. CCer. faz o Aprendiz ajoelhar-se com o j.d., a p.e. formando um E., a m.d., sobre o L. da L.; na m.e. o C., do qual uma das P. descansa sôbre o coração).

VEN. — (Descobrindo-se) — ! — De pé e à ordem, meus Iir., para recebermos o juramento do novo Companheiro-Maçom.

(Ao Aprendiz:) Meu Ir. repetí, comigo, vosso juramento: Eu, F., juro e prometo nunca revelar aos AApr. os segredos de Comp.-Maçon que me vão ser confiados. Se eu faltar a essa promessa que faço sem a mínima coação, fique meu nome em perpétuo esquecimento e eu considerado sacrílego para com Deus e desonrado para com os homens, por ter sido incapaz de guardar uma promessa feita perante esta Assembléia de homens dignos e, da qual me honro em fazer parte. Deus me ajude!

TODOS — Assim seja!

VIN. — (Descendo do Trono, vai para junto do Altar dos Juramentos e estendendo a espada por sobre a cabeça do Aprendiz:) — À Gl do G.A.D.U.! Em nome e sob os auspícios da M.R. Grande Loja, em virtude dos poderes de que me acho investido, eu vos constituo Companheiro-Maçon.

(O Ven. Mestre dá, com o malhete, sobre a lâmina da espada, a Bateria do Gráu. Depois, tomando o Companheiro pela mão esquerda, fá-lo levantar-se e, em seguida, abaixa a abêta do Avental. Cobre-se e manda sentarem-se os demais Iir.).

VEN. — De hoje em diante, vossa insígnia é o Avental com a abêta abaixada, porque isso significa que já trazeis na bolsa, que ela representa, os instrumentos necessários ao trabalho.

(Entregando-lhe uma espada): — A espada é o símbolo da lealdade e da honra. Entre guerreiros, simboliza a força e o poder; entre nós, porém, traduz, apenas, a igualdade dos Companheiros, na tarefa de defender a Lei e a Ordem, contra os ataques à liberdade de consciência. (Pausa) Meu Ir., ides trabalhar na **Pedra Cúbica** e perceber vosso salário na Col. do S.. Vosso novo trabalho lembrar-vos-á que um Companheiro é destinado a reparar as imperfeições do edifício, sendo tolerante com as faltas de seus Iir., mas, corrigindo-os e dando-lhes bons conselhos e melhores exemplos.

Recebei, meu Ir., o abraço fraternal que, por todos os OOb. desta Loja, cordialmente, vos dou. (Abraça-o)

(O Ven. Mestre volta para o Trono e o M.CCer. depois de fazer o novo Comp. dar a Bateria do

Gráu sôbre a Pedra Cúbica, leva-o para entre CCol.).

VEN. — IIr. 1.º e 2.º VVig., convidai os OObr. de vossas CCol., como eu convido os do Or., a unirem-se a mim, para aplaudirmos nosso Ir. F., que passou do Nível à Perpendicular.

(Feito o convite e anunciado pelos VVig.).

VEN. — (Descobrimdo-se) — (!) — De pé e à ordem, meus IIr.
(Pausa) À mim, meus IIr., pelo S, pela B. e pela Aclamação.

TODOS — (Depois de dada a B. e voltando à ordem:) —
HUZZÉ! HUZZÉ! HUZZÉ!

VEN. — (Cobrindo-se) — (!) — Sentemo-nos, meus IIr.
(Pausa) — Ir. M.CCer., convidai nosso Ir. Companheiro a gravar na Tábua da Loja o seu “ne-varietur” e, depois, fazei-o sentar-se no tópo da Col. do S., onde passa a receber seu salário.

(Terminado o cerimonial, o Ven. Mestre faz circular o Tr. de Solid. e, a seguir concederá a palavra ao Ir. Orador para as saudações de estilo. Seguem-se a palavra nas CCol. e, depois, no Or.. Reinando silêncio, o Ven. Mestre encerrará os trabalhos).

ENCERRAMENTO DOS TRABALHOS

VEN. — (!) — Iir. 1.º e 2.º VVig., anunciai em ambas as CCol., assim como eu anuncio no Or. que vamos encerrar os trabalhos desta Loja de Companheiros-Maçons.

(Os VVig. fazem o anúncio em suas respectivas CCol.).

VEN. — Ir. 2.º Diác., qual é o vosso lugar em Loja?

2.º DIÁC. — (De pé e à ordem) — À direita do Ir. 1.º Vig., para transmitir suas ordens ao Ir. 2.º Vig. e ver se os OOb. se conservam, nas CCol., com o devido respeito e ordem.

VEN. — Onde tem assento o Ir. 1.º Diác.?

2.º DIÁC. — À vossa direita e abairo do sólio, Ven. Mestre (Saúda e senta-se).

VEN. — Para que ocupais êsse lugar, Ir. 1.º Diác.?

1.º DIÁC. — (De pé e à ordem) — Para transmitir vossas ordens às Dignidades e Oficiais, a fim de que os trabalhos se executem com prontidão.

VEN. — Onde tem assento o Ir. 2.º Vig.?

1.º DIÁC. — Ao Sul, Ven. Mestre (Saúda e senta-se).

VEN. — Para que ocupais êsse lugar, Ir. 2.º Vig.?

2.º VIG. — Para melhor observar o Sol em seu meridiano, chamar os obreiros para o trabalho e mandá-los à recreação, a fim de que os labôres prossigam com ordem e exatidão.

VEN. — Onde tem assento o Ir. 1.º Vig.?

2.º VIG. — No Ocidente, Ven. Mestre.

VEN. — Para que ocupais êsse lugar, Ir. 1.º Vig.?

1.º VIG. — Assim como o Sol se oculta no Ocidente para terminar o dia, assim, aqui tenho assento para fechar a Loja, pagar os Obreiros e despedí-los contentes e satisfeitos.

VEN. — E os Obreiros estão satisfeitos?

(Todos batem, com a palma da mão direita, no Avental).

1.º VIG. — Êles o afirmam em ambas as CCol., Ven. Mestre.

VEN. — Que idade tendes Ir. 1.º Vig.

1.º VIG. — (dá a idade)

VEN. — A que hora é permitido aos Companheiros deixarem o trabalho?

1.º VIG. — À meia-noite, Ven. Mestre.

VEN. — Que horas são, Ir. 2.º Vig.?

2.º VIG. — Meia-noite, Ven. Mestre.

(O Ven. Mestre dá, com o Malhete, a Bateria do Gráu que é repetida pelos VVig. e todos ficam de pé e à ordem. O 1.º Diác. sob os degraus do Trono, saúda o Ven. Mestre que, após corresponder à saudação, dá-lhe a P.S. aos ouvidos, começando pelo esquerdo. Recebida a P.S., o 1.º Diác. saúda o Ven. Mestre e vai, com as mesmas formalidades, levá-la ao Ir. 1.º Vig., que a transmite, pela mesma forma e, por intermédio do 2.º Diác., ao 2.º Vig.. Chegando a P.S. ao 2.º Vig.:)

2.º VIG. — (Depois de recebida a P.S.): Tudo está justo e perfeito em minha Col., Ir. 1.º Vig.

1.º VIG. — Tudo está justo e perfeito em ambas as CCol., Ven. Mestre.

(O Ir. que abriu o L. da L. vai, com as mesmas formalidades da abertura postar-se em frente ao Altar dos Juramentos).

VEN. — Pois que está tudo justo e perfeito, Ir. 1.º Vig., tendes minha permissão para fechar a Loja. (Descobre-se).

1.º VIG. — À Gl. D.G.A.D.U. e, em honra a São João, nosso padroeiro, está fechada esta Loja de Companheiro-Maçons.
— (!) —

(Nêste momento, é fechado o L. da L.).

VEN. — (!) — À mim, meus IIr., pela Bateria e pela Aclamação.

TODOS — (Depois de dada a Bateria e voltando à ordem:) —
HUZZÉ! HUZÉ! HUZÉ!

(O 1.º Vig. abaixa a Col. de seu Altar e o 2.º Vig. levanta a do seu. Os IIr. que se encontram junto ao Altar dos Juramentos voltam a seus lugares. O 1.º Diác., de passagem, fecha o Painél da Loja. O Ven. Mestre cobre-se, novamente).

VEN. — Meus IIr., os trabalhos estão encerrados e nossa Loja fechada. Antes de nos retirarmos, porém, juremos o mais absoluto silêncio sobre tudo quanto, aqui, se passou.

TODOS — (Estendendo a mão direita para a frente:) — Eu o juro.

VEN. — Retiremos-nos, em paz.

(Todos os presentes desfazem o sinal de ordem. A saída do Templo será feita, obrigatoriamente, em ordem inversa à da entrada, isto é, o Ven. Mestre sai acompanhado do ex-Ven. e VVig., aos quais seguem os demais Oficiais, pela ordem hierárquica e os Obreiros. Durante a saída, o órgão executará o Hino Maçônico, de Mozart e, os OObr. poderão acompanhá-lo, cantando a respectiva letra em surdina. Depois de passar o último Comp., o Gda. do Templo apaga as luzes e fecha o Templo).

TRANSFORMAÇÃO DOS TRABALHOS DE APRENDIZES PARA OS DE COMPANHEIROS E VICE-VERSA

VEN. — (!) — Iir. 1.º e 2.º VVig. anunciai em vossas CCol, que os trabalhos de Aprendiz-Maçons vão ser suspensos para passarmos aos de Companheiros-Maçons.

1.º VIG. — Iir. que decorais a Col. do N., de ordem do Ven. Mestre, vos anuncio que vão ser suspensos os trabalhos de Aprendiz-Maçons, para nos entregarmos aos do segundo Grau. Iir. Aprendizes, preparai-vos para cobrir o Templo.

2.º VIG. — Iir. que abrilhantais a Col. do S., de ordem do Ven. Mestre, vos anuncio que os trabalhos de Aprendiz-Maçons vão ser suspensos, afim de nos entregarmos aos do segundo Grau. Está anunciada em minha Col., Ir. 1.º Vig.

1.º VIG. — Está anunciado em ambas as CCol., Ven. Mestre.

VEN. — (!) — Ir. M.CCer., convidai os Iir. Aprendizes a cobrirem o Templo.

(O M.CCer., com as formalidades habituais, faz os Aprendizes cobrirem o Templo e volta a ocupar seu lugar).

M.CCER. — (De pé à ordem): — Ven. Mestre, os Iir. Aprendizes já cobriram o Templo. (Saúda e senta-se).

VEN. — Ir. 1.º Vig., sois Companheiro-Maçon?

1.º VIG. — E. V. A. E. F. Podeis assegurar-vos disso, examinando-me.

VEN. — Com que instrumento de arquitetura deve ser feito o exame, Ir. 2.º Vig.?

2.º VIG. — Com o E., Ven. Mestre.

VEN. — Que é um E., Ir. 1.º VIG?

1.º VIG. — Um ângulo de 90.º, ou a quarta parte do círculo.

VEN. — Ir. 1.º Vig., como conheceis o segredo de Companheiro-Maçons, examinai os IIr. e, depois, reproduzi o S. que fizerem.

1.º VIG. — (!) — De pé e à ordem como Companheiro-Maçom, meus IIr. de ambas as CCol..

(Todos os que se encontram nas CCol. levantam-se e ficam à ordem, voltadas para o Or.. O Ir. 1.º Vig. desce de seu Altar e percorre as CCol.. Terminada a verificação, diz:)

Ven. Mestre, os IIr. de ambas as CCol. provaram ser Companheiros-Maçons, fazendo êste S. (faz o S.).

VEN. — Reconheço sua exatidão. — (!) — (Todos os que se encontram no Or. levantam-se e ficam à ordem) — Também, são Companheiros-Maçons os IIr. que ocupam o Or..

(O Ven. Mestre dá com o Malhete, a Bateria do Gráu, que é repetida pelos VVig. e todos ficam de pé e à ordem. A P. S. é transmitida com o mesmo cerimonial do gráu de Aprendiz-Maçom e o Ir. que abriu o L. da L. vai, com o mesmo cerimonial, abrí-lo no ponto apropriado. De passagem, o 1.º Diác. fecha o Painél da Loja de Aprendiz e abre o de Comp.).

VEN. — (!) — Sentemo-nos, meus IIr.

(Trata-se do assunto que motivou a transformação dos trabalhos e, uma vez terminado:)

VEN. — (!) — IIr. 1.º e 2.º VVig., anunciai em vossas CCol., como eu anuncio no Or., que os trabalhos de Loja de Companheiros-Maçons estão suspensos, para voltarmos aos de Loja de Aprendizes-Maçons.

1.º VIG. — IIr. que decorais minha Col., de ordem do Ven. Mestre, vos anuncio que estão suspensos os trabalhos de Loja de Companheiros-Maçons e que vamos reencetar os de Loja de Aprendizes-Maçons.

2. VIG. — IIr. que abrilhantais a Col. do S., de ordem do Ven. Mestre, comunico-vos que estão suspensos os trabalhos de Loja de Companheiros-Maçons e vamos reencetar os de Loja de Aprendizes-Maçons. — Está anunciado em minha Col. Ir. 1.º Vig.

1.º VIG. — Está anunciado em ambas as CCol., Ven. Mestre.

(O Ven. Mestre dá, com o Malhete, a Bateria do Gráu, que é repetida pelos VVig. e todos ficam de pé e à ordem. A P.S. é transmitida com o mesmo cerimonial do gráu e o Ir. que abriu o L. da L. vai, com as mesmas formalidades, abrí-lo no ponto apropriado. De passagem, o 1.º Diác. fecha o Painél da Loja de CComp. e abre o de Aprendiz).

VEN. — (!) — Sentemo-nos, meus IIr. Ir. M.CCer., daí ingresso no Templo aos IIr. Aprendizes.

(Os trabalhos são reencetados no ponto em que foram interrompidos, depois de terem dado ingresso no Templo os Aprendizes-Maçons, ritualisticamente).

* * *

INSTRUÇÕES

Como no Gráu de Aprendiz, no de Companheiro as instruções são de grande importância para completar conhecimentos indispensáveis, pois, proporcionam aos Maçons, cõscios de seus deveres, o ensejo de apurarem seus estudos. E, para que o Companheiro adquira conhecimentos maçônicos que lhe darão direito a aumento de salário, deve receber, pelo menos quatro instruções, em sessões intercaladas, que a Loja é obrigada a realizar, num período nunca inferior a três meses (interstício obrigatório).

Quando, em uma sessão, não houver iniciação a fazer (elevação) e a Ordem do Dia permitir, o Ven. Mestre ocupará o tempo a ela destinado, em instrução e, mesmo que não haja Companheiros, fãlas-á para recapitulação, pois, as instruções prestam-se a recordar os ensinamentos e as finalidades da Maçonaria.

PRIMEIRA INSTRUÇÃO

VEN. — (!) — Hr. VVig. e Orador, ajudai-me a explicar ao novo Companheiro, as deduções morais e filosóficas de sua iniciação.

1.º VIG. — A primeira viagem do Companheiro é um tecido de meditações. Confiaram-vos a **Pedra Bruta** para que a desbastásseis de suas imperfeições e lhe désseis a forma e as dimensões de vossa arte, cujos fins devem ser penetrá-la por vosso pensamento. Se soubérdes apreender-lhe as sublimes sulitezas e vencer-lhe as dificuldades, as aspe rezas da **Pedra Bruta** cairão aos golpes de vosso Maço, como os frutos, sazoados das árvores que os produziram.

Para que possais preencher as condições impostas pela primeira viagem, é preciso que tôdas as vossas faculdades venham em vosso auxílio. O estudo obriga vossos sentidos à uma ação exterior, a mais essencial, no interêsse de vossas faculdades intelectuais, isto porque os sentidos mal compreendidos ou mal governados acarretam desvio do espírito e desordens do coração.

O Maço, que vos colocaram nas mãos, simboliza a força que age sob a direção do espírito, da sabedoria e da ciência; o Cinzél tem, na simbologia do segundo gráu, caráter eminentemente moral; é o agente imediato do gênio, que aformoseia e aperfeiçoa o que é informe e grosseiro.

2.º VIG. — Armado de Régua e de Compasso, encetastes a segunda viagem. Isto simboliza que vossa consciência é a régua mística, que deve medir e alinhar vossas ações sobre o grande princípio do bem moral. Vossa razão é o Compasso da Justiça, que assegura o direito e determina sua origem e legitimidade.

Concitando-vos a polir a **Pedra Bruta**, a Maçonaria não quer que trabalheis cegamente, e, nem mesmo exercer sobre vós o encanto de sua influência ou o império de sua autoridade; seu grande desejo é que êsse trabalho seja o fruto de vossa meditação e de vosso próprio estudo; ela quer que, apoiado em vossa própria razão, aprendais a repelir tudo quanto ela não aceitar.

Assim, só deveis avançar, na vida social, esclarecido pelos princípios que a tornam honrosa e útil.

Dando-vos a **Alavanca**, emblema do poder que sustenta-o fraco e faz tremer o máu, a Maçonaria quis simbolizar a expressão da fôrça divina, da fôrça moral, dessa fôrça que resiste a tudo que é impuro e corrupto, a tudo que é arbitrário ou tirânico, à ignorância, à superstição, aos vís impostores que se aproveitam da ignorância dos povos para torná-los impotentes, escravos de seus caprichos.

Assim, em pleno oceano da vida, em meio das vagas tempestuosas das paixões, lembrái-vos que, ao serdes consagrado Comp., tivestes em vossas mãos a **Alavanca**, talismã contra as tentações da inércia. Revendo, então vosso passado, tereis ante vossos olhos, os juramentos sagrados que ligaram, aos nossos, vossos destinos e que farão com que os gérmenes das virtudes, que a Maçonaria vos inspirou, revivam em vosso coração, para que, retomando a Régua simbólica de vossa consciência, traceis o mais curto, o mais digno e o mais belo caminho da vida útil e proveitosa e vos torneis digno filho de vossas obras.

VEN. — Esta sucinta explicação das segunda e terceira viagens e do simbolismo de suas provas, dar-vos-ão a certeza de que o Companheiro não pode encontrar, fóra da Maçonaria, outra Moral mais pura, nem ensinamentos mais proveitosos. Quando, desgraçadamente, vemos um infeliz Ir. abandonar nossos Templos para ir queimar incenso no altar da fortuna ou correr atrás da fumaça enganadora da vaidade, devemos deplorar tais fraquezas que, desonrando o homem, degradam a humanidade.

Perseverante, como é, em sua obra de regeneração e de salvação social em sua sábia previsão, a Maçonaria nada esqueceu para assinalar os perigos da vida e, à beira de todos êles, coloca a flâmula de aviso, para livrar seus adéptos.

A Maçonaria deu-vos os conhecimentos necessários ao aperfeiçoamento de vossas obras, mas, ainda, é preciso o critério para regular vossas ações pelo espírito da Justiça e da Verdade. O saber sem critério é uma luz mortíça e, sem critério, os atos virtuosos são, muitas vêzes, estéreis. Se tendes caráter caprichoso; se agís por preferência ou, ao contrário do que deveis fazer; se vosso coração calcula seus desejos e afeições, vossos atos não terão, jamais, equidade e retidão. O Bem não deve ser premeditado, mas, espontâneo; deve atuar, sempre, proveitosamente, mas, com consciência de que se age sem ostentação nem preferências. Eis a razão da máxima cristã: **“Que a mão direita não saiba o que a esquerda faz”**.

1.º VIG. — A Maçonaria sintetizou o pensamento simbólico da quarta viagem na Régua e no Esquadro, instrumento que, respectivamente, servem para verificar as dimensões das pedras e medir-lhes as superfícies e os ângulos retos.

Então, os horizontes do vale começam a refletir os raios de luz; a Estrêla Flamejante vai aparecendo e, para logo, a luz invadirá o Templo. No percurso dessa viagem, éreis a criança a quem o amor materno acaba de ensinar os primeiros passos e que, jamais, afastará da lembrança, a imagem dêsse anjo tutelar.

Bem compreendeis que o G.A.D.U. exige de vós novas provas de zêlo e de devotamento que, por sôbre o mar tempestuoso das paixões e sob os golpes fulminantes dos raios da maldade, é preciso avançar, avançar sempre, com denodo e coragem, para alcançar o pôrto. Assim, como digno filho da Maçonaria, vos entregareis ao estudo e ao trabalho, empregando vossas horas de ócio em nutrir vosso coração com o espírito de solidariedade, que Deus inspirou ao homem virtuoso.

Dessa fórmula, chegareis à perfeição moral e cumprireis a missão que vos compete, como construtor social.

2.º VIG. — O simbolismo da quinta viagem vos mostra a nobre aspiração, que alenta vosso espírito. Subí, com passos firmes, a escada misteriosa de Jacob no tôpo da qual divisareis a Estrêla Flamejante, fóco da Verdadeira Luz.

De vós, depende vos tornardes homem útil à Humanidade. A Liberdade, tesouro social, alma da vida, princípio de nossa natureza ou melhor, da natureza de todos os seres que possuem um instinto; a Liberdade que, infelizmente, tanto é confundida com a licença, impõe ao homem social deveres tão pesados que se os fracos e os ambiciosos pudessem compreendê-la, jamais desejariam possuí-la.

E, no entanto, a Liberdade é necessária ao homem, como o sol à terra. A Sabedoria humana esbarra ante as dificuldades de usar a liberdade, sem negá-la a seus semelhantes. O grande segredo de gozá-la, sem desordem, consiste na arte de vencer essas dificuldades e é isso que a Maçonaria vos ensina pelo simbolismo de vossa elevação à Companheiro.

ORADOR — Meu Ir., em vossa iniciação de Apr. fizestes três viagens, por entre ruídos e tinir inquietante de espadas; depois, com auxílio de vossos IIr., recebestes a Luz. Éreis a criança a aprender o catecismo, o colegial a se embeber nos primeiros elementos da ciência sagrada.

Embora, possuindo as primeiras noções do verdadeiro, do belo e do sublime, não podíeis pôr em obra os materiais que víeis, porque suas aplicações, suas relações íntimas não vos eram conhecidas. Encontrastes, em vossa Oficina, materiais diversos, esparsos e separados e, por isso, sem relações da unidade ou de analogia. Ordenaram-vos que estudásseis sua natureza e o emprego a que eram destinados. Depois de alguns estudos, vossa aptidão ao trabalho desenvolveu e fostes julgado digno de prosseguir o curso da hierarquia maçônica. Foi nessa disposição que viestes passar a Companheiro.

Hoje, vos confiamos a chave da ciência geométrica e as condições necessárias ao trabalho do espírito que, simbolicamente, vos permitirão estabelecer um código de moral para o aperfeiçoamento de vossa alma, a fim de que vossas ações, na vida, sejam consagradas à manutenção da ordem social e à felicidade de vossos semelhantes.

A educação maçônica consubstância-se no aperfeiçoamento da Humanidade pela liberdade de consciência, igualdade de direitos e fraternidade universal.

Incentivando-vos a seguir os passos de vossos predecessores, a Maçonaria não vos abandona nem vos deixa entregue às vossas próprias aspirações. Pelo simbolismo das cinco viagens misteriosas, ela colocou, diante de vossos olhos, tudo que é necessário para empreender a grande

jornada, que encetastes, sob os raios da Verdadeira Luz; ela regulou a ordem dos trabalhos e mostrou-vos a imensa distância em que nos achamos da perfeição, afim de que possais chegar, pela ciência e pela moral, ao grau de sabedoria com que o gênio do Mestre começa a distender as asas para o vôo às regiões do sublime.

Elevai-vos, meu Ir., à altura do pensamento sublime que preside nossa Instituição; servi à Humanidade, afastando-vos dos turbilhões das paixões, que agitam o mundo profano; ficai alheio às lutas das ambições, aos tumultos e às querelas dos partidos; fugi ao espírito acanhado de seita; deixai que a obra do mal se esborôe e se extinga por sua própria nulidade; pautai vossas ações pela virtude que todo maçon deve possuir; fazei-vos amar pelo trabalho em prol da paz e da felicidade dos povos e lembrái-vos que os verdadeiros heróis não foram os que, a custa do sangue fraterno, conquistaram palmos de terra, mas, os que se dedicaram, de alma e coração, ao bem estar da Humanidade. Assim procedendo, tereis correspondido às esperanças que a Maçonaria deposita em vós e cumprido o dever que nossa Sublime Instituição impõe àqueles que admite em seu seio.

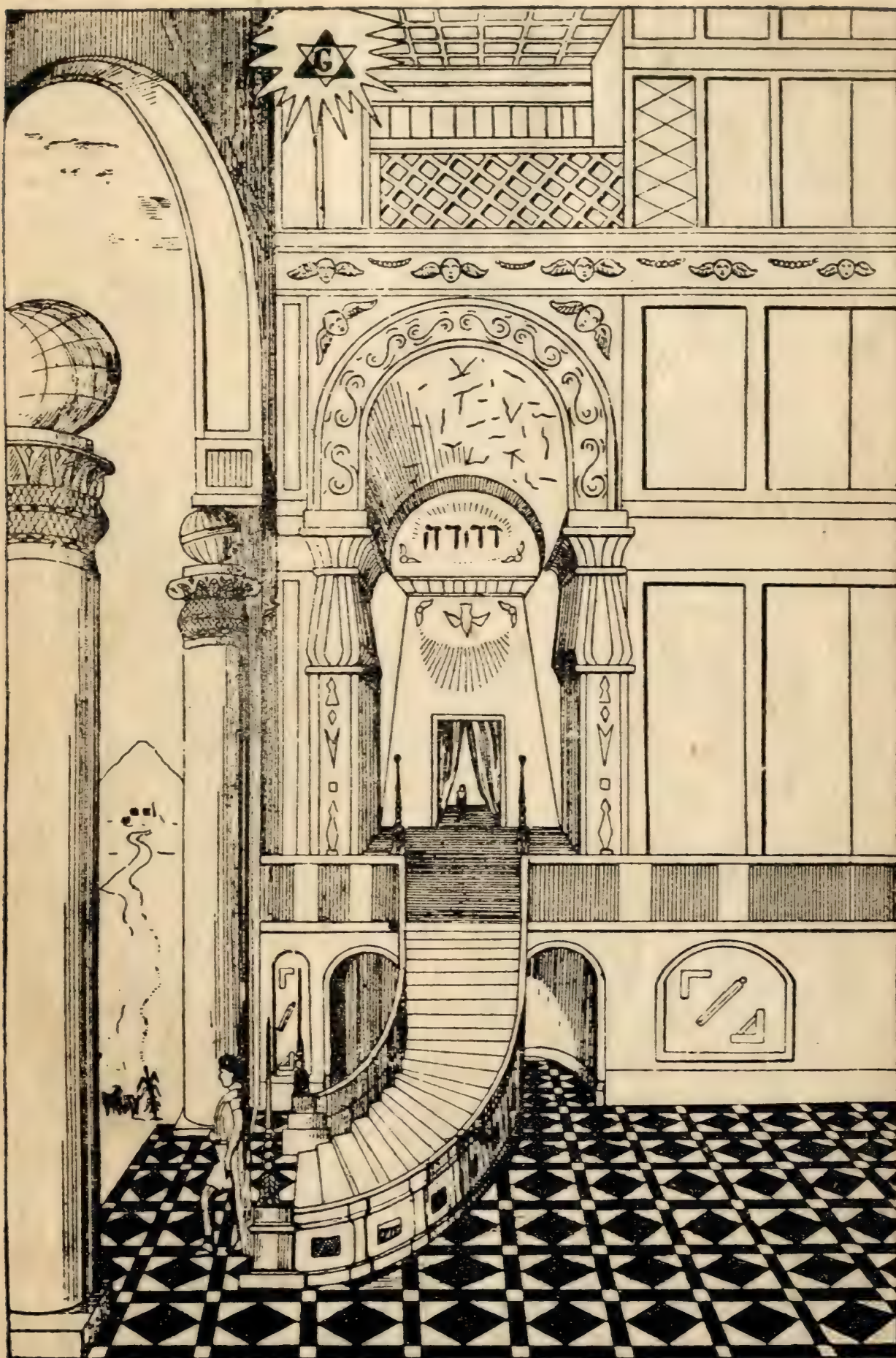
VEN. — Agora, vou revelar-vos os Mistérios do segundo grau, isto é, as PP., o T. e S. de Companheiro-Maçon.

(Seguem-se as explicações, findas as quais:)

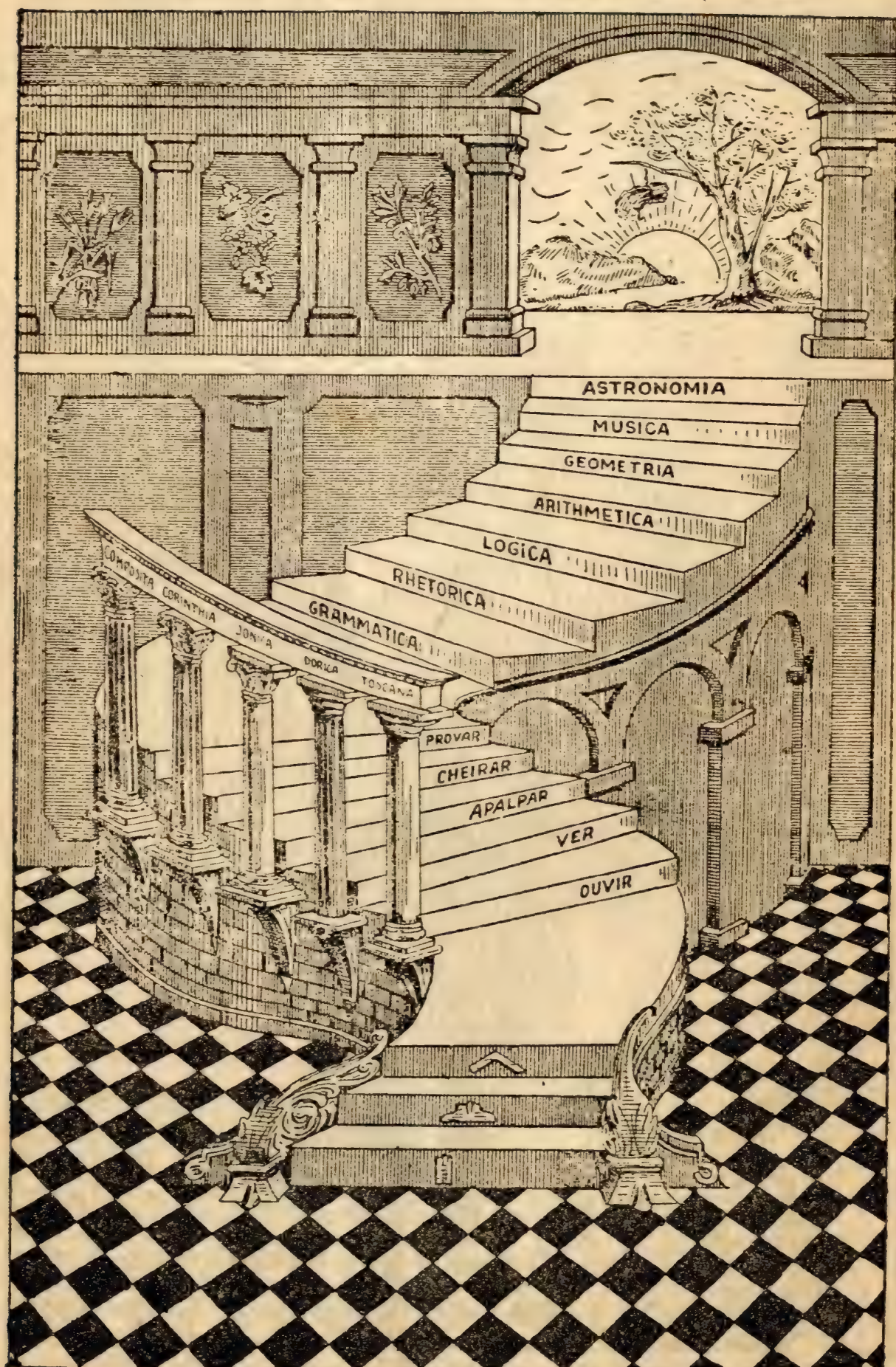
VEN. — Ir. M.CCer. conduzi o novo Companheiro ao Ir. 2.º Vig. para que, depois de reconhecê-lo pelo S., pelo T. e pelas PP., lhe ensine a trabalhar na Pedra Cúbica.

(O M.CCer. conduz o Ir. Comp. ao Altar do 2.º Vig. e, ao chegar, o 2.º Vig. desce do Altar, trolha o Comp. e, depois, fá-lo dar, com o martelete, a Bateria do Grau sobre a Pedra Cúbica. Em seguida, o M.CCer. conduz o Ir. Comp. para entre CCol.).

2.º VIG — (Depois de voltar para seu lugar) — (!) — Ven. Mestre, o Ir. Comp. deu a primeira lição na P.C. e está entre CCol.



PAINEL DA LOJA DE COMPANHEIRO



Detalhes do Painel

SEGUNDA INSTRUÇÃO

VEN. — Vamos dar a segunda instrução do segundo grau para que o nosso Ir. F.... possa, na medida de seus conhecimentos e aspirações, concorrer para o progresso da Humanidade, que é o fim principal de nossa Instituição. A instrução de hoje refere-se ao Painel da Loja de Companheiro, isto é, ao traçado dos meios postos à sua disposição para que atinja a perfeição exigida para seu trabalho. (Pausa).

Ir. Orador, o que, ao entrarem no Templo de Jerusalem, prendia a atenção dos Companheiros?

ORAD. — Como todos sabem, foi empregado um número imenso de Obreiros na construção do Templo de Salomão. Eram, na maior parte, AApr. e CComp.. Os AApr. recebiam, semanalmente, uma ração de trigo, vinho e azeite; os CComp. eram pagos do salário em dinheiro, que recebiam na Câmara do Meio.

Para aí, entravam através de um pórtico, ao lado do Sul. Ao passarem por êsse pórtico, sua atenção era, particularmente, despertada por duas grandes colunas; a da esquerda, denominada B., significa — Fôrça —, e a da direita, chamada J., exprime — Apôio —, mas, quando reunidas, querem dizer — Beleza —, porque Deus disse: “Na minha Fôrça, Eu apoiarei esta casa, a fim de que se mantenha para todo o sempre”.

A altura dessas CCol. era de 35 côvados, a circunferência 12 e o diâmetro de 4. Eram ôcas, a fim de servirem de arquivo para a Fraternidade, pois, dentro delas, depositavam-se os registros constitucionais. Suas paredes tinham a espessura de 4 polegadas. Essas CCol. foram feitas de bronze, nos terrenos argilosos das margens do Jordão, entre Succoth e Zeredatha, onde Salomão ordenara fossem fundidos todos os vasos sagrados, sob a direção de Hiram Abif.

Encimando as CCol., viam-se capitéis de 5 côvados de altura, cercados por delicado rendilhado de bronze e ornados de lírios e romãs. O rendilhado, pela conexão de suas malhas, significava UNIDADE, UNIÃO, HARMONIA; os lírios, pela alvura, simbolizam PUREZA, CASTIDADE, INOCÊNCIA, e as romãs, pela exuberância de suas sementes, ABUNDÂNCIA, FERTILIDADE.

Além disso, as CCol., eram encimadas por duas esferas, uma representando o mapa do Globo Terrestre e outra o do Globo Celeste, ambas assinalando a UNIVERSALIDADE da Maçonaria.

VEN. — Onde foram colocadas essas CCol., Ir. 1.º Vig.?

1.º VIG. — Foram colocadas à entrada do Templo como recordação, aos filhos de Israel, da coluna milagrosa de fogo, que os iluminou na fuga da escravidão egípcia, e das nuvens que os ocultaram de Faraó e das tropas enviadas para capturá-los.

Assim, quando entrassem no Templo, para celebrar o culto divino, êles teriam, sempre diante dos olhos, a lembrança da redenção de seus antepassados.

Depois de passarem por entre essas duas CCol., os nossos antigos Iir. chegavam ao pé de uma escada em caracol, cuja ascensão lhes era obstada pelo 1.º Vig., que lhes exigia o S., o T. e a P. dos 1.º e 2.º gráus.

VEN. — Que significação tem a P. de P., Ir. 2.º Vig.?

2.º VIG. — Significa — ABUNDÂNCIA — E está representada, no Pannel da Loja do 2.º gráu, por uma espiga de trigo, junto de uma queda d'água. A palavra SC. teve sua origem na época em que um exército dos Efrainitas atravessou o rio Jordão, para combate Jefté famoso general Gleadita. O pretêxto dessa desavença foi não terem os Efrainitas sido convidados a participarem da honra da guerra amonita; sua verdadeira causa, porém, foi a captura dos despojos, de que, em consequência dessa guerra, Jefté e seu exército se tinham apoderado.

Os Efrainitas, muito embora tidos como um povo turbulento e sedicioso, só romperam as hostilidades em virtude de pesados insultos que lhes dirigiam os Gleaditas. Daí jurarem exterminá-los. Jefté tentou por todos os meios, apaziguá-los; vendo, porém, que isso era impossível, avançou, com seu exército e, dando-lhes combate, derrotou-os e po-los em fuga.

Para tornar decisiva a vitória, precavendo-se contra futuras agressões. Jefté enviou destacamentos para guardar as passagens do Jordão, por onde deveriam, forçosamente, os insurretos fugir para seu país. Deu ordens severas para que fosse executado qualquer fugitivo que, por aí, passasse e se confessasse Efrainitas. Aqueles que negassem ou usassem de subterfúgios seriam obrigados a pronunciar a palavra SC. Os Efrainitas, por defeito vocal, próprio de seu dialeto, não pronunciavam SC., mas SI.

Deste modo, a ligeira diferença de pronúncia descobriria a nacionalidade e custar-lhe-ia a vida. Dizem as Escrituras que morreram, no campo de batalha e nas margens do Jordão, 42.000 Efrainitas e, como SC. foi, então, a palavra que servira para distinguir amigos de inimigos, resolveu Salomão adotá-la como P. de P. dos Companheiros. Por isso, depois de nossos antigos IIr. darem a P. de P. ao 1.º Vig., êste dizia-lhe: — PASSE, SC..

VEN. — E, com essa permissão, para onde se dirigiam os Companheiros, Ir. 1.º Vig.?

1.º VIG. — Subiam a escada em caracol, constituída por 3, 5 e 7, ou mais degraus, porque TRÊS governam a Loja; CINCO a constituem e SETE (ou mais) a tornam perfeita.

Os TRÊS que governam a Loja são o Ven. Mestre e os dois VVig.; os CINCO que a constituem são os três que a governam e mais dois Companheiros; os SETE que a tornam perfeita são dois AApr., adicionados aos cinco que a constituem.

TRÊS governam uma Loja, porque três foram os Grãos-Mestres que presidiram a construção do Templo de Jerusalém: — SALOMÃO, rei de Israel, HIRAM, rei de Tiro e HIRAM ABIF. CINCO constituem a Loja em consideração às cinco nobres ordens da Arquitetura: — Toscana, Dórica, Jônica, Coríntia e Composita. SETE ou mais a tornam perfeita, porque Salomão gastou mais de sete anos na construção, acabamento e consagração do Templo de Jerusalém ao serviço de Deus. Há, também, neste número, uma alusão às sete artes e ciências: — Gramática, Retórica, Lógica, Aritmética, Geometria, Música e Astronomia.

VEN. — Depois de terem subido a escada em caracol, a que ponto chegavam os Companheiros, Ir. 2.º Vig.?

2.º VIG. — Após haverem atingido o cimo da escada, nossos antigos IIr. se encontravam diante da Câmara do Meio, cuja porta, embora aberta, estava, simbolicamente, fechada pelo 2.º Vig. para todos os que estivessem abaixo do grau de Comp..

Depois de darem o S., o T. e as PP. e outras provas convincentes de que eram CComp., o 2.º Vig. dizia-lhes: — PASSE, J..

VEN. — Que observavam os CComp. na Câmara do Meio, Ir. Orador?

ORAD. — Passados para a Câmara do Meio do Templo, sua atenção era despertada por caractéres hebraicos que, atualmente, são representados, em Loja, por um triângulo equilátero, tendo no centro a letra G. (IOD), que significa DEUS, o Grande Geômetra do Universo, a Quem todos devemos nos submeter e a Quem devemos venerar.

Há, ainda, outras interpretações simbólicas dêste emblema, que constituirão uma instrução que o Comp. receberá mais tarde.

VEN. — E a escada em caracól, meu Ir.?

ORAD. — A lenda da escada em caracól pode, também, ser considerada como alegoria, na qual um jovem, tendo passado à adolescência como Apr. e à virilidade como Comp., tenta, ousadamente, avançar e subir, apesar do caminho tortuoso e da subida difícil, na esperança de, pela deligência e pela perseverança, chegar à idade madura como um mestre esclarecido.

Nossos antigos Iir. foram Obreiros de pedra; isso, para êles, era um trabalho ambicionado, uma obrigação religiosa, e a maravilhosa habilidade que possuíam revelasse, ainda hoje, nas monumentais construções do velho mundo. Essa perfeição, porém, só era conseguida, depois de longo e acurado estudo. Êles viam, por tôda a Natureza, o ideal a que se esforçavam atingir na confecção e no acabamento de seus trabalhos. Por essa razão, faziam da Geometria seu principal estudo, para que pudessem dar, a cada detalhe de sua obra, as devidas proporções. Desde então, a Geometria ficou sendo o estudo mais acurado que deve fazer o Companheiro e que será, sempre, de grande valia, qualquer que seja sua aplicação.

VEN. — (Ao Comp.) — Do mesmo modo que nossos antigos Iir., hauriam aspirações na Natureza, eu vos aconselho a estudardes nesse grande livro, prescrutando-lhe seus mais profundos recessos e esforçando-vos em desvendar seus mistérios, até que, ajudado pela luz da razão e da ciência, possais vencer as inúmeras dificuldades em vosso caminho.

Possa vosso espírito enriquecer-se com tesouros extraídos das mais puras fontes da Verdade e da Justiça, e vosso coração encher-se de amor por tôdas as cousas que, em sua Infinita Sabedoria, o G. A. D. U. criou.

Estudai e perseverai, com paciência, para que, um dia, perfeitamente instruído sôbre os Mistérios do 2.º Gráu, participeis dos trabalhos da Câmara do Meio.

Esta segunda instrução vos aponta o caminho que tendes a seguir para chegardes, como nossos antigos IIr., a tomar parte nos trabalhos dos Mestres. Não é sem dificuldades que lá chegareis. Espero, porém, com a maior alegria que, fiel ao vosso Mestre e aos ensinamentos que tendes recebida nesta Loja, a honrareis, correspondendo à confiança que depositamos em vós, desde o dia em que, aqui batestes com o fim de vos iniciardes e vos associardes aos nossos trabalhos.

Está, meu Ir., terminada vossa segunda instrução de Companheiro-Maçon.

(Os trabalhos continuam do ponto em que foram interrompidos).

* * *

TERCEIRA INSTRUÇÃO

VEN. — (Depois de regularmente abertos os Trabalhos) — (!)
— Sois Comp., Ir. 1.º Vig.?

1.º VIG. — E. V. A. E. F.

VEN. — Como podeis justificar vossa afirmativa?

1.º VIG. — Porque adquiri consciência de mim mesmo; agora, sei o que sou e posso pronunciar-me, com segurança, sôbre o gráu que possuo.

VEN. — Que é ser Companheiro?

1.º VIG. — É o Obreiro reconhecidamente apto para exercer sua arte e consciente de sua energia de trabalho, cujo dever é realizar praticamente o plano teórico traçado pelos Mestres.

VEN. — Por que consentistes em ser recebido Companheiro?

1.º VIG. — Porque tinha desejos de conhecer os Mistérios da Natureza e da ciência, bem como o significado da letra Iod, que corresponde a nossa letra G.

VEN. — Que significa a letra G?

1.º VIG. — Geometria, Gravidade, Gênio e Gnose.

VEN. — De que Geometria trata-se, aqui, Ir. 2.º Vig.?

2.º VIG. — Da aplicável à construção universal; da que nos ensina a polir o homem e torná-lo digno de ocupar seu lugar no edifício social.

VEN. — Que relação existe entre a Geração e o Comp.?

2.º VIG. — O Comp. é chamado a fazer “obra de vida”, pondo em ação sua energia vital e aprofundando-se nos Mistérios da existência. E tudo isso origina-se da Geração, cujas leis inspiram as mais belas doutrinas da antiguidade.

VEN. — Em que pode a Gravidade interessar à Maçonaria?

2.º VIG. — A atração universal, que tende a aproximar os corpos da ordem física, corresponde, na ordem social, a uma fôrça misteriosa análoga, que tende à reunião e, mesmo, à fusão das almas. Corresponde à fôrça que une os corações; que assegura a solidez do edifício maçônico, cujos materiais são seres vivos, unidos e indissolúveis pela profunda afeição que sentem uns pelos outros. O amor Fraternal é, na Maçonaria, o princípio vital de ordem, harmonia e estabilidade, assim como a Gravidade o é dos corpos celestes.

VEN. — Em que consiste o Gênio?

2.º VIG. — Na exaltação fecunda de nossas faculdades intelectuais e imaginativas. Desde que o espírito, calculadamente, adquira a posse de si mesmo, não sai dos limites do talento, que possa conter. Para se chegar a ser gênio, necessário é que se abandone às influências superiores; que se entusiasme; que se vibre aos acordes de uma harmonia mais elevada.

VEN. — Que significa a Gnose?

2.º VIG. — Em grego, quer dizer ‘conhecimento’. É o conjunto de noções comuns a todos os iniciados que, à força de pesquisar, se encontram na mesma compreensão da causa das causas.

VEN. — Como fostes recebido Comp., Ir. 1.º Vig.?

1.º VIG. — Passando da Col. B. para a Col. J..

VEN. — Que representa essa passagem de uma para outra Col.?

1.º VIG. — Uma modificação no programa iniciático. Para receber seu salário junto à Col. B., o Apr. deve basear-se na razão, cujos clarões afugentam as trevas e fazem discernir o erro. Após as purificações que, vitoriosamente, recebeu conduzido para junto da Col. J., sem afastar-se de seus hábitos, de disciplina racional, deverá, para tornar-se perfeito pensador, exercitar sua imaginação e desenvolver sua sensibilidade. Depois de ter aprendido a raciocinar corretamente, pode, pela educação judiciosa de sua intuição, elevar seu pensamento às causas dos fenômenos.

VEN. — Que vos ensinarem, no decorrer de vossas viagens de Comp.?

1.º VIG. — A servir-me de utensílios precisos para transformar a PEDRA BRUTA em PEDRA CÚBICA, talhada de acordo com as exigências da Arte.

VEN. — Quais são êsses instrumentos?

1.º VIG. — A princípio, o Maço e o Cinzel; em seguida, a Régua e o Compasso, depois, a Alavanca e, finalmente, o Esquadro.

VEN. — Que significam o Maço e o Cinzel?

1.º VIG. — Como instrumentos destinados a desbastar a pedra bruta, nos mostram como devemos corrigir nossos defeitos, tomando resoluções sábias (Cinzel), que uma determinação enérgica (Maço) põe em execução.

VEN. — Qual a relação existente entre a Régua e o Compasso?

1.º VIG. — A Régua, permitindo traçar linhas retas que podem ser prolongadas ao infinito, simboliza o direito inflexível e a lei moral, no que têm de mais rigoroso e imutável. A êsse “absoluto” se opõe o círculo da relatividade,

cujo ráio se mede pelo afastamento das pernas do Compasso. Como, entretanto, nossos meios de realização são limitados, devemos traçar nosso programa de trabalho, tendo em conta, além da idéia do “abstrato”, que nos incumbe seguir (Régua), a “realidade concreta” (Compasso), com as quais estamos habituados.

VEN. — A que alude a Alavanca, Ir. 2.º Vig.?

2.º VIG. — Ao poder irresistível de uma vontade inflexível quando inteligentemente aplicada.

VEN. — Por que a Régua deve se juntar à Alavanca?

2.º VIG. — Porque a vontade só é invencível, quando posta ao serviço do direito absoluto.

VEN. — Qual a importância do Esquadro?

2.º VIG. — Permite controlar o corte das pedras, que devem ser estritamente retangulares, para se ajustarem, com exatidão, entre si. Assim, simbolicamente, o Esquadro determina as condições de solidariedade. Emblema da Sabedoria, nos ensina que a perfeição consiste, para o indivíduo, na justeza com que se coloca na sociedade.

VEN. — Por que a última viagem de Comp. deve ser feita sem instrumentos de trabalho?

2.º VIG. — Porque sua transformação em PEDRA CÚBICA está completa e, assim, não mais tem de preocupar-se com seu aperfeiçoamento. Cabe-lhe, desde então, concentrar-se e observar, tornando-se acessível aos clarões intelectuais, que devem iluminar, progressivamente, seu entendimento.

VEN. — Como um Comp. se faz reconhecer, Ir. 1.º Vig.?

1.º VIG. — Por um S., duas PP. e um T.

VEN. — Qual a explicação do S. de Comp.?

1.º VIG. — A m. sôbre o c. lembra o compromisso de amar fervorosa e dedicadamente seus Iir. e recorda o juramento prestado; a M. e. levantada reafirma a sinceridade da promessa feita; a e. com a m. d. mostra que todos os seus atos se inspiram na Justiça e na Equidade.

VEN. — A atitude que o Comp. toma, quando à ordem, não lembra, também, segrêdos especiais do Gráu?

1.º VIG. — A m. e, levantada parece fazer apêlo às fôrças astrais, energias superiores, que a m. d. crispada se esforça para conter no c. onde elas se devem acumular. Prestes a arrancar o C., o iniciado proclama, além disso, que soube dominar seus sentimentos e que não cederá, jamais, a movimentos irrefletidos.

VEN. — Quais são as PP. de Comp.?

1.º VIG. — P. S. e P. de P.

VEN. — Que significa a P. de P.

1.º VIG. — FARTURA — ABUNDÂNCIA. Daí o ser representada, no Painei da Loja, por uma espiga de trigo.

VEN. — E qual a origem desta P.?

1.º VIG. — Em uma guerra contra os Efrainitas, Jefté, tendo-os vencido e posto em fuga, mandou guardar as passagens do rio Jordão, ordenando, terminantemente, que fossem mortos todos os Efrainitas que ousassem atravessá-lo, para voltarem ao seu país. Como não falavam a língua dos israelitas, por defeito dialético, pronunciavam Si... Esta diferença de pronúncia foi fatal a 42.000 efrainitas, que foram massacrados, à medida que se apresentavam para voltar ao país de origem.

VEN. — E, para nós, esta P. não tem significação iniciática?

1.º VIG. — Traduzida, pode relacionar-se com os Mistérios de Céres, cujo simbolismo era agrícola, embora o iniciado devesse, em Eleusis, sofrer, alegoricamente, a sorte do grão de trigo, que morre, no inverno, sob a terra, para renascer na primavera, sob a forma da planta nova.

VEN. — Dái-me a P. S., Ir. 2.º Vig..

2.º VIG. — (Dá, regularmente, a P. S.).

VEN. — Que significa esta P.?

1.º VIG. — ESTABILIDADE — FIRMEZA. É o nome de uma das CCol. de bronze erguidas à entrada do Templo de Salomão, onde os CComp. recebiam seus salários.

VEN. — Por que o soletrar desta P. difere da do de Apr.?

2.º VIG. — Porque o principiante é incapaz de descobrir, por si mesmo os primeiros elementos da ciência iniciática e, assim, tem necessidade de ser guiado, que se lhe dê a 1.ª L. para que possa, por seus próprios esforços, encontrar a segunda; desde que a encontre, poderá receber a terceira e, assim por diante. O Comp. não mais é ignorante. Já fez provas de iniciativa intelectual; assim, pode-se-lhe pedir que dê antes de receber.

VEN. — Que relações existem entre as CCol. e o salário que recebem o Apr. e o Comp.?

2.ª VIG. — Erguidas de cada lado da entrada do Templo de Salomão, correspondem aos obeliscos egípcios. Eram como êstes, cobertas de hieroglifos ou ideogramas que os iniciados deviam aprender a decifrar-lhes o sentido. É, portanto, sua instrução iniciática, não um salário, que o Apr. e o Comp. vão receber junto às CCol..

VEN. — Como eram compostas as CCol.?

2.º VIG. — Eram de bronze, para indicar que os princípios da iniciação são imutáveis e que se transmitem de uma à outra civilização.

VEN. — Quais as dimensões dessas CCol.?

2.º VIG. — De 35 côvados de altura, 12 de circunferência e 4 de diâmetro, sem contar o capitel, que media 5. Além disso, havia um rendilhado de 2 côvados cercando cada Col.. Os capitéis terminavam em calota esférica, cercada de dupla fila de romãs. Estas proporções dão às CCol. aspecto fálico e as aproximam dos numerosos monumentos fenícios, consagrados ao Poder Gerador masculino.

VEN. — Qual a espessura das CCol., segundo as tradições maçônicas?

2.º VIG. — Quatro polegadas porque se as supõe ôcas, para guardarem os tesouros e as ferramentas dos AApr. e CComp..

VEN. — Que representa o tesouro oculto nas CCol.?

2.º VIG. — A Doutrina Iniciática, cujo conhecimento está reservado aos que não param na superfície e sabem se aprofundar nos estudos.

VEN. — Por que a marcha de Comp. comporta passos laterais ?

2.º VIG. — Para indicar que o Comp. não está obrigado a seguir, invariavelmente, a mesma direção. Para que possa colher a verdade, por toda parte, é-lhe permitido afastar-se do caminho normalmente traçado. A exploração do mistério não deve porém, desorientá-lo e, por isso, todo afastamento da imaginação deve ser seguido de uma pronta volta à retidão do raciocínio.

VEN. — Quais são, Ir. 1.º Vig., os ornamentos de uma Loja de CComp.?

1.º VIG. — O Pavimento de Mosáico, a Estrêla Flamejante e a Orla Dentada, Ven. Mestre.

VEN. — Para que servem?

1.º VIG. — O Pavimento de Mosáico é o soalho do grande pórtico; a Estrêla Flamejante brilha, ao centro da Loja, para iluminá-la e a Orla Dentada limita e decora as extremidades.

VEN. — Que representa o Pavimento de Mosáico?

1.º VIG. — Seus ladrilhos de iguais dimensões, alternadamente brancos e pretos, traduzem a rigorosa exatidão, que a tudo equilibra, no domínio de nossos sentimentos, submetidos, fatalmente, à lei dos contrastes.

VEN. — Que relação existe entre o Pavimento de Mosáico e o Companheiro?

1.º VIG. — Qual operário aplicado à realização da Grande Obra, o iniciado no segundo grau deve estar compenetrado do interesse de prosseguir na conquista de contínua felicidade. Felicidade sem mescla, que se perpetue e não seja perturbada, não pode como tal, ser considerada; transforma-se em suplício, porque ela fatiga e conduz ao aniquilamento, à morte. Nossa vida consiste na ação, na luta contra todos os obstáculos, no trabalho penoso, mas perseverante, empreendido por um ideal a realizar. O esforço, sofrimento provado, é o prêmio da vida, cujas alegrias são exatamente proporcionais às ações empregadas para possuí-las.

VEN. — Por que a Estrêla Flamejante é o símbolo do Comp.?

1.º VIG. — Porque o Comp. é chamado a tornar-se foco ardente, fonte de luz e de calor. A generosidade de seus sentimentos deve incitá-lo ao devotamento sem reservas, mas com discernimento, porque está aberta a tôdas as compreensões.

VEN. — Por que a Estrêla Flamejante é de cinco pontas, Ir. 2.º Vig.?

2.º VIG. — Para figurar os quatro membros do homem e a cabeça, que os governa. Esta, como centro das faculdades intelectuais, domina o quaternário dos elementos ou da matéria. Assim, a Estrêla Flamejante é, mais particularmente, emblema do poder da vontade.

VEN. — Que lugar ocupa a Estrêla Flamejante em relação ao Sol e à Lua?

2.º VIG. — Está colocada entre êsses corpos, de maneira a, com êles, formar um triângulo.

VEN. — Por quê?

2.º VIG. — Porque a Estrêla Flamejante irradia a luz do Sol e da Lua, afirmando que a inteligência e a compreensão procedem, igualmente, da Razão e da Imaginação.

VEN. — Que entendeis por Orla Dentada?

2.º VIG. — É o lambrequim que cerca o teto da Loja. Por cima dêsse lambrequim, corre a corda formada por uma série de nós — os Laços de Amor. É a Cadeia de União, cujas extremidades, desfiadas em borlas, se reúnem próximo às duas CCol.. O todo é emblema dos laços que unem os Maçons, para constituírem uma única Família sôbre a Terra.

VEN. — Há outras jóias, na Loja?

2.º VIG. — Sim, Ven. Mestre.; três móveis e três imóveis.

VEN. — Quais são as móveis?

2.º VIG. — O Esquadro, insignia do Ven. Mestre.; o Nível, que decora o Ir. 1.º Vig. e o Prumo de que me acho revestido.

VEN. — Por que são jóias móveis?

2.º VIG. — Porque, além de passarem, anualmente, a novos serventuários, o Esquadro controla o talhe das pedras, de que o Nível assegura a posição horizontal, enquanto o Prumo permite que sejam colocadas verticalmente.

VEN. — Qual, sob o ponto de vista moral, a significação dessas jóias, Ir. 1.º Vig.?

1.º VIG. — O Esquadro nos induz a corrigirmos os defeitos que nos impeçam de manter, firmemente, nossa posição na construção humanitária; o Nível exige que o Maçon tenha como iguais a todos os homens, enquanto o Prumo incita o iniciado a elevar-se acima de tôdas as mesquinharias, fazendo-o conhecer o valor das cousas.

VEN. — Quais são as jóias imóveis.

1.º VIG. — A Pedra Bruta, a Pedra Cúbica e o Pannel da Loja.

VEN. — Quais são os usos dessas jóias?

1.º VIG. — A Pedra Bruta é a matéria sôbre a qual se exercitam os AApr., a Pedra Cúbica serve para os CComp. ajustarem seus instrumentos e o Pannel da Loja permite aos Mestres, traçar seus planos.

VEN. — A que aludem essas jóias imóveis?

1.º VIG. — A Pedra Bruta representa o homem grosseiro e ignorante, suscetível, porém, de ser educado e instruído; a Pedra Cúbica figura o iniciado que, livre de erros e de preconceitos, adquiriu os necessários conhecimentos e a habilidade para participar, ùltimamente, da Grande Obra de Construção Universal; o Pannel da Loja relaciona-se com os Mestres, cuja autoridade se baseia no talento, de que dão provas, e no exemplo, que devem dar.

VEN. — Quantas são as janelas que iluminam uma Loja de CComp., Ir. 2.º Vig.?

2.º VIG. — Três, Ven Mestre, situadas, respectivamente, ao Or., Sul e Oc..

VEN. — Por que no Norte não existe janela?

2.º VIG. — Porque a luz nunca vem dessa direção.

VEN. — Para que servem as janelas?

2.º VIG. — Para iluminar a Loja à entrada e à saída dos Obreiros.

VEN. — Onde tem assento os CComp.?

2.º VIG. — Ao Sul, Ven. Mestre.

VEN. — Como deve trabalhar um Comp., ao lado de seu Mestre?

2.º VIG. — Com liberdade, alegria e fervor.

VEN. — Qual é a idade do Comp.?

2.º VIG. — (Dá a idade).

VEN. — A que se refere êste número?

2.º VIG. — A quintessência, concebida como espírito universal das cousas ou como um quinto princípio, reduzindo à unidade o quaternário dos Elementos. Alude, também, aos cinco sentidos, que revelam o mundo exterior, objeto de estudo do Comp., enquanto o número três indica que o Apr. deve se encerrar em seu mundo interior.

VEN. — Recebestes vosso salário, Ir. 1.º Vig.?

1.º VIG. — Sim. Ven. Mestre., e estou satisfeito.

VEN. — Que mais esperais de vossos Iir.?

1.º VIG. — Espero o momento em que, bem instruído sôbre o que deve saber um Comp., êles me permitam participar dos trabalhos dos Mestres.

* * *

QUARTA INSTRUÇÃO

(Noções de Filosofia iniciática e de Simbologia Numérica do 2.º Grau, segundo nosso Ir. O. Wirth).

VEN. — Meus Iir., esta é a última instrução do segundo grau, ao fim da qual nosso Ir. Companheiro-Maçon tendo completado seu tempo de trabalho espiritual e moral, poderá aspirar à EXALTAÇÃO, como é denominado a passagem para o 3.º Grau.

Antes, porém, que o Ir. Comp. estude e medite a simbologia Numérica do segundo grau, devemos, como seus Mestres, dar-lhe alguns conhecimentos sobre a Filosofia a ele relativa.

(Ao Comp.) Abordarei este tema, falando-vos, meu Ir., sobre o ENIGMA DA VIDA e a MEDITAÇÃO DA VERDADE.

Muitas vezes, frequentemente mesmo, saltam-nos à imaginação as seguintes perguntas: “O QUE É A VIDA?” — “PARA QUE ELA SERVE?” — “QUAL O SEU FIM?”. Seguem-se, a estas outras não menos transcendentais: Por que o homem não aceita a vida, como os animais, tal qual ela é?” — “Gozá-la do melhor modo, com feliz despreocupação, não seria mais prático, mais acertado do que torturar o espírito, querendo penetrar esses mistérios insondáveis?” (Pausa).

E esta preocupação, Ir. 1.º Vig., tem sido a de todos os homens?

1.º VIG. — Não, Ven. Mestre, pois uma grande massa dos homens quer, somente, que os deixem viver das satisfações materiais não cogitando daquilo que, em seu fraco entender têm como superfluo, ou inútil.

Há, entretanto, criaturas para as quais esses mistérios constituem verdadeira obsessão. Preocupadas com o enigma das cousas, querem compreender e, pelo incessante trabalho cerebral, buscam conhecer a existência dos mundos e dos seres, interrogando, ansiosamente, a Natureza, para arrancar-lhe seus segredos. Meditam sobre eles com maior encarniçamento e só se satisfazem quando concebem uma

idéia capaz de explicar, racionalmente, tudo quanto, até então, observaram.

VEN. — E que surge, sempre, dêsses esforços humanos, Ir. 2.º Vig.?

2.º VIG. — Surgiram e surgem sistemas filosóficos e religiosos que, tidos e propagados como doutrinas verdadeiras, procuram corresponder à NECESSIDADE DE SABER, inata no homem.

Embora concebidos com sinceridade, êsses sistemas são errôneos, porque se originam de convicções e concepções humanas, falíveis portanto como tudo que é humano.

VEN. — E que será necessário para formulá-los com acêrto?

2.º VIG. — A posse integral da Verdade que ninguém, ainda, conseguiu. Assim, persiste o mistério, apesar de ingentes esforços com que os homens tentam penetrá-la. Seu domínio alarga-se e recua, cada vez mais, à proporção que a Humanidade avança no caminho da ciência e à medida que os investigadores se aproximam para desvendá-lo.

Iludir, quanto a isso, com o propósito de dogmatizar, crente de SABER o que se afirma, são as características peculiares dos espíritos tacanhos.

O sábio, o pensador e o verdadeiro iniciado humilham-se, sempre, quando em presença de uma verdade que reconhecem superior à sua compreensão. Assim, esquivam-se de ser instrutores das multidões, porque, jamais, poderiam, conscientemente, satisfazer-lhes a justa curiosidade, e na impossibilidade material de fazê-las compreender o seu êrro e, muito menos, conduzi-las ao único caminho, preferem deixá-las entregues a suas grosseiras fantasmagorias.

O Iniciado, porém, tem o estrito dever de correr em auxílio dos que julgarem INICIÁVEIS, dos que, independentes, revoltam-se contra a tirania e a arbitrariedade dos sistemas em uso. Êstes merecem que se lhes ensine a procurar o VERDADEIRO, sem procupação nem esperança de triunfo, só alcançado pelo repouso da inteligência satisfeita.

NUNCA SABEREMOS, eis a VERDADE !

VEN. — Mas, então, devemos ficar inertes, Ir. 1.º Vig. ?

1.º VIG. — Não, Ven. Mestre. No desejo de QUERER SABER buscamos àvidamente adivinhar o ETERNO ENIGMA crentes de que êste é o nosso mais nobre e mais elevado destino.

A VERDADE, êsse mistério inatingível, que nos atrái com força irresistível, é muito vasta, muito vivaz, muito livre e muito sutil para deixar-se prender, imobilizar e petrificar na rigidez de um sistema filosófico. Os artifícios e as roupagens com que a revestem, para nô-la dar a conhecer, só servem para deturpá-la, tornando-a, as mais das vezes, IRRECONHECÍVEL, por isso que tudo que se procura objetivar por subterfúgios será, sempre, reflexo illusório, apagada imagem da GRANDE VERDADE, que o iniciado busca contemplar face à face.

VEN. — O que, pois, devemos ensinar a um Comp. ?

1.º VIG. — Devemos ensinar-lhe, primeiro, a olvidar tudo aquilo que lhe não é próprio e, em seguida a concentrar-se descendo ao âmago dos próprios pensamentos, a fim de aproximar-se da fonte pura da VERDADE, instruindo-se, não só pelas sábias lições dos Mestres, como, principalmente, pelo exercício da MEDITAÇÃO.

Assim procedendo, não conseguirá, naturalmente, aprender tudo quanto encerram os livros e ensinam as escolas, e, por isso, não devemos sobrecarregar-lhe a memória, pois, bem poderemos nos enganar com o caráter illusório do que nos parece verdadeiro. O simples ignorante está mais próximo da verdade que o fátuo que se jacta de uma ciência enciclopédica, apoiada, unicamente, em falsas noções.

VEN: — Ouví, agora, Ir. Comp., o final desta parte de vossa última instrução, porque ela condensa tudo quanto acabastes de ouvir.

A tradição iniciática conserva intacta, entre nós, noções de verdade, para que as transmitamos aos continuadores de nossa obra. Assim, gravai em vossa memória os conselhos que vos darei.

“Em matéria de saber, a qualidade supera a quantidade. Sabei pouco, mas êsse pouco sabei-o bem. Aprendei principalmente, a distinguir o real do aparente. Não vos apegueis às palavras, às expressões, por mais belas que pareçam; esforçai-vos, sempre, em discernir aquilo que é inexplicável, intraduzível, a Idéia-Princípio, o fundo, o espírito, sempre mal e imperfeitamente interpretados nas frases mais buriladas. É, unicamente, por êste meio que afastareis as trevas do mundo profano e atingireis à clari-vidência dos Iniciados”.

Bem, deveis compreender que os Iniciados se distinguem pela penetração de espírito e pela capacidade de compreen-

são. Filósofos célebres e grandes sábios têm permanecido PROFANOS por não terem compreendido o que obscuros pensadores conseguiram por si próprios, à força de refletirem no silêncio e no recolhimento. Para vos tornardes verdadeiro Iniciado, podeis lêr pouco, mas pensai muito; meditai, sempre, e, sobretudo, não tenhais receio de sonhar. (Pausa).

Como a parte relativa à Simbologia Numérica precisa, para sua bôa compreensão, ser meditada, deveis estudá-la com carinho e atenção, para que possais, por essa meditação, fortalecer e engrandecer vosso espírito.

Maçon, que sois, começai meu Ir., por concentrar vossa atenção sôbre a Maçonaria. Observai, minuciosamente, tudo quanto lhe diz respeito; meditai muito sôbre as SINGULARIDADES que nela encontrardes, pois não têm outro fim, assevero-vos, que o de atrair vossa atenção e despertar vossa curiosidade.

Quanto mais vos aprofundardes no estudo de nosso Simbolismo, mais vos convencereis de que êle foi arquitetado em dados abstratos ou ontológicos, ligados particularmente às propriedades intrínsecas dos números (Gnose Numérica).

* * *

SIMBOLOGIA NUMÉRICA

(Para estudo e meditação do Companheiro-Maçon)

Como Aprendiz, vos familiarizastes com a **Tétrada** pitagórica que vos mostrou, no **Quaternário**, a raiz e o fundamento das cousas.

Como Companheiro, deveis prosseguir nesse estudo, partindo do **Quatro** para chegar, sucessivamente, ao **Cinco**, ao **Seis** e mesmo, ao **Sete**.

Assim, teremos :

Aprendiz	1,2,3,4
Companheiro	4,5,6,7
Mestre	7,8,9,10

A **Década** é, aqui, encarada como representando uma unidade Nova. Dez encerra, pois, uma união completa, um ciclo fechado, ao qual nada há que acrescentar.



Pitágoras ensinava que **Dez** engendra **Quatro**, pois que $1+2+3+4=10$, gráficamente figurado pelo triângulo encerrando dez pontos dispostos por 1, 2, 3 e 4.

Outrora, um traçado dêstes provocava a sucessão infinita de idéias, tôdas lógicas e intimamente encadeadas. Ao iniciado moderno cumpre tornar a formar a Cadêia que lhe servirá de fio de Ariadna para guiá-lo no labirinto dos conhecimentos iniciáticos.

Geomètricamente, **Um** representa o ponto; **Dois**, a linha; **Três**, a superfície e **Quatro**, o sólido, cuja medida é o cubo.

Um, o ponto sem dimensões, é, porém, o gerador abstrato de tôdas as formas imagináveis. É o **Nada** contendo o **Todo** em potência, digamos, o Criador, Princípio anterior a toda manifestação, o Arqueu, o **Obreiro**, por excelência.

Dois, a linha, nada mais é que **Um**, o ponto, em movimento, portanto, a ação, a irradiação, a expansão ou a emanção criadora, o Verbo ou o Trabalho.

Três, a superfície, apresenta-se como o plano em que se precisam as intenções, em que o Ideal se determina e se fixa. É o domínio da lei necessária, que governa toda a ação, impondo a toda a arte suas regras inevitáveis.

Quatro, o sólido ou, mais especialmente, o cubo, mostra a Obra realizada, através da qual se nos revela a **Arte**, o **Trabalho** e o **Obreiro**.

Em tôdas as cousas é preciso descobrir um **Quaternário**, uma vez que nos coloquemos sob o ponto de vista objetivo, porque o **Ternário** nos basta, se ficarmos no domínio do abstrato ou do subjetivo.

O Companheiro, porém, não pode e nem deve satisfazer-se com a concepção teórica; sua função é **realizar**, é lutar, constantemente, contra as dificuldades encontradas no caminho e **vencê-las**. Como realizador, tem o **Quatro** por ponto de partida, enquanto que o Aprendiz tem no número **Três**, o número característico de seu grau.

O Círculo, a Cruz, o Triângulo e o Quadrado, que se referem respectivamente à Unidade, ao Binário, ao Ternário e ao Quaternário, produzem uma série de ideogramas, cujo sentido se revela pela análise de seus elementos componentes. Êste, porém, é um estudo que não cabe nesta instrução. Entretanto,

seria de tôda vantagem que os Companheiros se aprofundassem no Simbolismo Hermético para verificarem suas íntimas relações com o Simbolismo Maçônico.

O TETRAGRAMA HEBRAICO

O Ser dos Sêres, o Ser em si, Aquêlé que é, encontra-se representado, na Bíblia, por Quatro letras, que formam a Palavra Sagrada, cuja pronúncia é proibida:

יהוה

Iod, a primeira dessas letras, é a menor letra do alfabeto sagrado. É, apenas, uma vírgula, na qual sê quiz vêr o gerador masculino ou, melhor, o semen paterno, que engendra a criança. Voltamos, assim, ao ponto de vista matemático, concentrando, em seu Nada, tôda a virtude expansiva do que **deverá nascer e se desenvolver**. **Iod** é, pois, a representação do princípio ativo, da causa-agente, e significa, portanto, o ser **que pensa, que quer, que manda**. Como a Col. J., **Iod** simboliza o **Fogo realizador** (Arqueu), que se manifesta, pelo Artista, Obreiro, Operador, Criador ou Gerador.

Hé, segundo letra do Tetragrama, corresponde ao **sôpro** que saindo do interior, se espalha em seu redor. Esta letra simboliza, pois, o **sôpro animador**, a vida emanando de **Iod**, para propagar-se, através do espaço, sob a forma de irradiação vital. **Hé** representa, em suma, a vida, que não é mais do que a **atividade** exercida pelo princípio criador e ativo. Sem **Hé**, **Iod** não seria ativo, não poderia **exercer o ato de pensar, querer, mandar**, porque **Hé** é a expressão do **trabalho, a operação ou o Verbo**, tomado no sentido gramatical.

Vau tem, em hebraico, a mesma função de nossa consoante v. É o símbolo do que liga o abstrato ao concreto, o indivíduo ao coletivo geral ou universal. Ora, aquilo que liga, que estabelece a união, nós denominamos **Meio, ambiente, atmosfera anímica**, enfim a relação entre a causa e o efeito. **Vau**, portanto, refere-se à lei, segundo a qual se **exerce a atividade**, isto é, a Arte e as regras ou condições do trabalho.

Hé repete-se, no final do Tetragrama, para exprimir o **resultado final** da atividade: **Trabalho executado, Obra em via de execução, Criação em via de realização**. Em relação ao princípio pensante, que **quer e que manda (Iod)**, o segundo **Hé** é o **pensamento, a idéia concebida, a determinação dada ou a ordem formulada**.

Os espíritos superficiais só se interessam pela obra realizada, pois são incapazes da cogitação do efeito e da causa que, naturalmente, implica na manifestação do quaternário, resultante de tôda e qualquer ação:

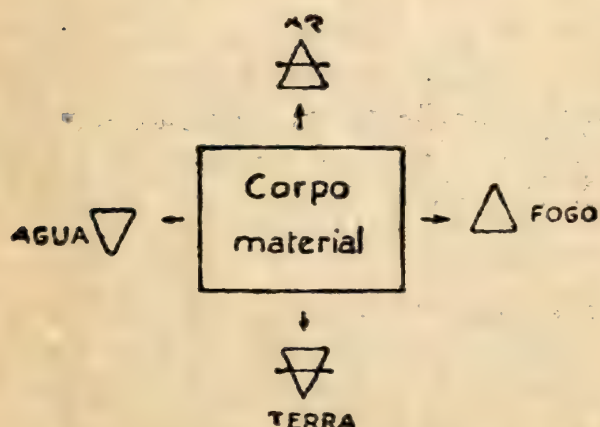
- 1.º — Princípio ativo (Sujeito);
- 2.º — Atividade desenvolvida por esse princípio (Verbo);
- 3.º — Aplicação da atividade, que se regula e se adapta conforme o objetivo;
- 4.º — Resultado produzido (Objeto).

A QUINTESSÊNCIA

O Ser manifesta-se, unicamente, pela ação; não agir equivale a não existir, porque aquele que existe está em perpétuo trabalho. Nada é inerte; nada é morto; tudo vive, os minerais e os corpos celestes, os vegetais e os animais.

A vida, entretanto, difere de um a outro reino da natureza; ela hierarquiza-se em tôda parte, segundo as espécies e, mesmo segundo os indivíduos.

Assim é que, entre os homens, uns vivem uma vida mais elevada e mais completa que outros. Essa vida, de uma ordem superior à comum é proporcional ao desenvolvimento do princípio da personalidade, porque o ser inferior é um autômato que reage mecanicamente, sob a ação de fôrças que o tornam verdadeiro joguete. Sua vida permanece material ou elementar, porque resulta, unicamente, da luta dos Elementos que se opõem dois a dois, como indico o seguinte esquema :



Dêle se infere que o Ar, leve e sutil, abrandando, contrabalançando a atração da Terra, espessa e pesada, que embrutece e materializa. Fria e húmida, a Água contrai aquilo que o Fogo, sêco e quente, tende a dilatar.

Êstes elementos, que não mais podem ser considerados corpos simples, como na antiga teoria, devem, entretanto, ser tidos como agentes coordenadores do

mundo material. Foi por sua aplicação, que se explicou o cáos; por isso, êles dominam tudo quanto é material.

Por mais poderosas que sejam, as fôrças exteriores devem ser dominadas pela **energia**, que tem sua séde na própria personalidade. É por êste motivo que o homem deve criar e desenvolver, em si próprio um princípio mais forte que os Elementos, com os quais entra em luta, nas provas iniciáticas.

Enquanto combate, conversa-se Aprendiz; uma vez vencedor, torna-se Companheiro ou Iniciado definitivo. O que triunfa, nesse momento, é o princípio da **hominalidade**; o homem, pròpriamente dito, domina o animal, **cinco** impôs-se ao **quatro**; a **quintessencia** prevaleceu sôbre o quaternário dos Elementos.

Chegado à perfeição, o **homem-tipo** será exaltado sôbre a cruz, para realizar o mistério da redenção. A **Razão (Logos ou Verbo)** resplandece nele, remediando o obscurecimento do Instinto, causado pela queda. O Estado de espiritualidade, de iluminação, é atingido; as trevas interiores são dissipadas e é, então, que o **Astro Humano**, a **Estrêla Flamejante**, brilha em todo seu esplendor.

A **Estrêla Flamejante**, êste astro central da Loja de Companheiro, não é, ainda, poder iluminativo igual ao do Sol; sua luz é suave, não tem irradiações resplandecentes e é fàcilmente suportada. Ela condensa-se numa espécie de nimbo que foi comparado a uma flor desabrochada, representada por uma rosa de cinco pétadas.

Símbolo da quintessência, portanto, daquilo que o homem tem de mais puro e elevado, a **Rosa** é unida à **Cruz**, num emblema de pura espiritualidade, a respeito do qual é muito cêdo, ainda, para esplanar-se aqui.

O HEXAGRAMA

Cinco nasceu de **quatro**; seis é constituído pelo ambiente sintético, emanado de **cinco**.

A atmosfera psíquica, que envolve nossa personalidade, **compõe-se**, sob o ponto de vista hermético, de **Água** vaporizada pelo **Fogo**, ou de **Água** ígnea, isto é, o fluido vital carregado de energias ativas.



Essa união do Fogo e da Água é representada gráficamente, por uma figura, muito conhecida por **Signo de Salomão**. Dos dois triângulos entrelaçados, um é masculino-ativo e o outro é feminino-passivo. O primeiro representa a energia individual, o ardor que se eleva da própria personalidade; o segundo, representa-

do por um triângulo invertido em forma de taça, é destinado a receber o orvalho depositado, pela humidade, através do espaço.

A **Estrêla Flamejante** corresponde ao Microcosmo humano, isto é, ao homem considerado como um mundo em miniatura, ao passo que os dois triângulos entrelaçados designam a **Estrêla do Macrocosmo**, isto é, do mundo em toda a sua extensão infinita.

O SETENÁRIO

Sete é o número da harmonia, resultante do equilíbrio estabelecido por elementos dissemelhantes. Esse equilíbrio e essa harmonia são representados pela figura à margem.

A adição dos números opostos dá, sempre, em resultado o número 7:

$$1 + 6 = 7$$

$$2 + 5 = 7$$

$$3 + 4 = 7$$



A última destas combinações, isto é, $3 + 4$, é a que, mais de perto, se refere à Maçonaria. Três, triângulo, mais quatro, tetragrama, dão em resultado o emblema à margem. Como sabeis, este é o símbolo do **Delta Sagrado**, sendo o Tetragrama central substituído, às mais das vezes, por um olho: “**Olho que tudo vê**”.



Nada mais se poderá dizer-vos sobre o número **sete**, mais do domínio do Mestre que do Companheiro. Já, por certo, compreendestes que a Quintessência, elevada ao Hexagrama e ao Heptagrama, representa a **essência do ser**, isto é, a alma humana purificada, fortificada, temperada pelas provas da existência e tendo atingido a um estado que lhe permite realizar o que o vulgo profano denomina **milagres**.

O Companheiro não deve ignorar que a **realização integral** da Grande Obra está reservada ao **iniciado perfeito**, ao Mestre.

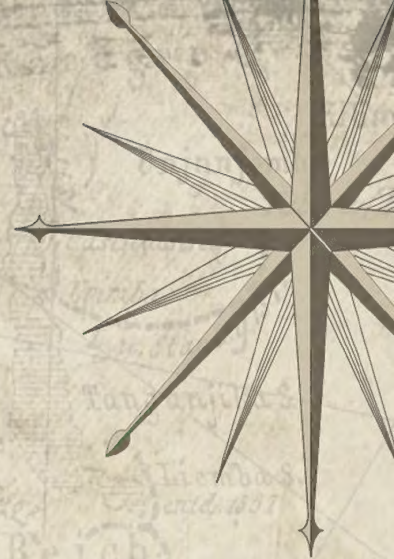
Para ser, porém, Mestre é preciso ter, previamente, adquirido as virtudes e os conhecimentos que o tornem digno disso.

Eis o que nos ensina a tradição sobre a Simbologia Numérica do 2.º Grau.

Que estes sábios ensinamentos tenham penetrado profundamente em vosso espírito, para que compreendais a obra que deveis executar ao transpordes a **Porta da Morte**, quando exaltado ao sublime grau de Mestre.



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO



Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.



**ACERVOS
DIGITAIS**

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com

Secretaria de
**Cultura e Economia
Criativa**



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA